

Estágio em História na Quarentena

João Lucas dos Santos Souza
Juliana Alves de Andrade
Mário Emmanuel de Oliveira Ramos
Sofia Roberta da Costa Vilela



ESTÁGIO EM HISTÓRIA NA QUARENTENA

João Lucas dos Santos Souza
Juliana Alves de Andrade
Mário Emmanuel de Oliveira Ramos
Sofia Roberta da Costa Vilela



RECIFE
2021

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Estágio em história na quarentena [livro eletrônico] / organização João Lucas dos Santos Souza ... [et al.]. -- 1. ed. -- Recife : Nephecs : Editora Universitária da UFRPE, 2021. PDF

Outros organizadores: Juliana Alves de Andrade, Mário Emmanuel de Oliveira Ramos, Sofia Roberta da Costa Vilela.

Vários autores.

ISBN 978-65-00-16085-7

1. Educação 2. Estágio (Educação) -
3. Professores de história - Formação 4. Quarentena
I. Souza, João Lucas dos Santos. II. Andrade, Juliana
Alves de. III. Ramos, Mário Emmanuel de Oliveira. IV.
Vilela, Sofia Roberta da Costa

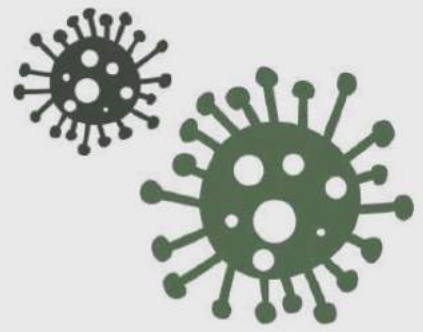
21-54742

CDD-370.71

Índices para catálogo sistemático:

1. Professores de história : Formação profissional :
Educação 370.71

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964



APRESENTAÇÃO

PARTE I: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DOS DOCENTES NA PANDEMIA

FORMAÇÃO E EXPERIÊNCIA DO PROFESSOR DE HISTÓRIA NA PANDEMIA 11-13

ARTHUR FELLER RIGAUD CARDOSO
MATEUS SANTIAGO DE LIMA

HORIZONTES E TRAVESSIAS NO ENSINO DE HISTÓRIA 14-16

ÍTALO NERY DE ALBUQUERQUE REGO
MARIA PAULA DA SILVA PRESBÍTERO
SOFIA ROBERTA DA COSTA VILELA

NAS TRILHAS DO ENSINO REMOTO 17-18

JOÃO CORDEIRO NEVES JÚNIOR
JOÃO LUCAS DOS SANTOS SOUZA
LEONARDO JÚNIOR DO NASCIMENTO

OS DEVERES E PRAZERES DE ENSINAR HISTÓRIA 19-21

KAYO VICTOR DE PAULA
LUCAS JOSÉ DO NASCIMENTO
PAULO ANDRADE CAETANO DA SILVA

PANDEMIA, EDUCAÇÃO E REDESCOBERTA 22-24

ANDERSON BEZERRA DE JESUS
JONAS CLEVISON PEREIRA DE M. JÚNIOR
MÁRIO EMMANUEL DE OLIVEIRA RAMOS

PONTES PARA EDUCAÇÃO 25-26

ALDO DE SOUSA FERREIRA
RAYANE NATHALINE DIAS DE BARROS



S
U
M
Á
R
I
O



PARTE II: COMO FAZER? AULAS DE HISTÓRIA EM TEMPOS DE ENSINO REMOTO

ROTEIRO DE VÍDEO-AULA PARA O CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA 28-29

JULIANA ALVES DE ANDRADE
MÁRIO EMMANUEL DE OLIVEIRA RAMOS

COLAGEM AUDIOVISUAL EXPLICATIVA SOBRE II GUERRA MUNDIAL 30-31

ÍTALO NERY DE ALBUQUERQUE REGO
MARIA PAULA DA SILVA PRESBÍTERO
SOFIA ROBERTA DA COSTA VILELA

GAME EDUCATIVO 32-33

KAYO VICTOR DE PAULA
LUCAS JOSÉ DO NASCIMENTO
PAULO ANDRADE CAETANO DA SILVA

PANFLETO DIGITAL SOBRE FAUNA BRASILEIRA 34-35

ALDO DE SOUSA FERREIRA
RAYANE NATHALINE DIAS DE BARROS

TELEJORNAL NAS AULAS DE HISTÓRIA 36-37

JOÃO CORDEIRO NEVES JÚNIOR
JOÃO LUCAS DOS SANTOS SOUZA
LEONARDO JÚNIOR DO NASCIMENTO

VÍDEO-AULAS PARA AS AULAS DE HISTÓRIA 38-39

ANDERSON BEZERRA DE JESUS
JONAS CLEVISON PEREIRA DE M. JÚNIOR
MÁRIO EMMANUEL DE OLIVEIRA RAMOS

VÍDEO SOBRE A MODERNIZAÇÃO DO BRASIL NO SÉCULO XIX 40-41

ARTHUR FELLER RIGAUD CARDOSO
MATEUS SANTIAGO DE LIMA

S
U
M
Á
R
I
O





**PARTE III: FAKE NEWS COMO OBJETO DE
DEBATE NAS AULAS DE HISTÓRIA**

**A DITADURA MILITAR BRASILEIRA (1964-1985)
NOS TEMPOS DE NEGACIONISMO E FAKE NEWS
43-52**

DANIEL PEREIRA DE SOUZA FILHO
PAULO JOSÉ DE MELO LIMA
TAYLOR UCHÔA CAVALCANTI
VINÍCIUS CAVALCANTE MELO DE
LIMA

**AS FAKE NEWS NOS ANOS FINAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL 53-62**

JOÃO PAULO FREITAS DA SILVA
JOSÉ CORDEIRO DOS SANTOS NETO
LUCIANA LIMA DE ANDRADE
BARBOSA

FAKE NEWS: VALE UMA CONVERSA? 63-69

JEFFERSON JOSÉ BATISTA ANDRADE
KEROLAYNE GOMES DA FONSECA
LUCAS GABRIEL GOMES DA SILVA
MARIA TEREZA DE MELO CAVALCANTI

S
U
M
Á
R
I
O



APRESENTAÇÃO

O livro **Estágio em História na Quarentena** traz um conjunto de relatos sobre Ensinar e Aprender História na Educação Básica e nos Cursos de Licenciatura em tempos de distanciamento social. Para tal, reunimos depoimentos (entrevistas), descrição de atividades desenvolvidas nas turmas do Ensino Fundamental (Anos finais) da rede municipal do Recife, e a análise da pedagogia vivida pelos professores da educação básica, pelos licenciandos, e pela própria docente do curso de licenciatura em História na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), durante a vigência do período letivo chamado Período Eletivo Excepcional (PLE), por conta do coronavírus (SARS-COV-2). O leitor encontrará reflexões sobre os desafios que a pandemia impôs às crianças e adolescentes no que se refere ao direito de aprender, ir à escola, comer e brincar. Esta nova experiência mudou todo o cotidiano, e, com isso, altera a forma de comunicação, aprendizagem e ensino. Tanto o distanciamento social, quanto o isolamento social vivido por um grande período, criaram hábitos que impulsionaram os diferentes segmentos sociais e instituições a rever processos, estruturas e metodologias.

O enredo que envolve a história da produção deste livro, início nos primeiros

dias do mês de março de 2020, quando a Organização Mundial de Saúde, decretou o distanciamento social para evitar a disseminação do novo coronavírus em escala global. Todos os países tiveram que ficar atentos ao comunicado. Frente a esse anúncio todas as atividades presenciais nos setores comerciais, industriais e educacionais foram suspensas. No caso da UFRPE, a Administração informou imediatamente que todas as atividades acadêmicas, a partir do dia 16 de março de 2020, estavam suspensas até o final do mês (31/03/2020). Na ocasião, todos nós imaginávamos que a suspensão das atividades letivas duraria no máximo 15 dias, mas, infelizmente, se prolongou e perdura até agora (setembro/2021). O retrato desse período afetou escolas, universidades e demais segmentos. Tal experiência singular na História social recente, exigiu das instituições que fosse reinventado o espaço de ensino e aprendizagem. Escolas e universidades precisaram discutir e debater a melhor maneira de continuar ofertando o ensino no período da pandemia. Na concepção das diversas instituições de ensino, a maneira mais adequada e possível foi remodelar o ensino presencial para o Ensino Remoto.

As atividades de ensino à distância, denominadas de Ensino Remoto Excepcio-

1 No dia 12 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS), declarou pandemia global por conta da rápida proliferação do coronavírus ao redor do mundo (BBC/NEWS-Brasil, 2020).

nal (ERE), foram definidas pela UFRPE de acordo com a resolução nº 185/2020, que institui o PLE. No artigo 1º, ss 2, a instituição define o que é o Ensino Remoto:

a realização de atividades de ensino mediadas pelo uso de tecnologias, caracterizadas pelo conjunto de ações de ensino-aprendizagem ou atos de currículo mediados por interfaces digitais que potencializam práticas comunicacionais interativas e hipertextuais, formato distinto da Educação a Distância (EaD) (UFRPE, 2020, p. 4).

Desde então, as atividades presenciais foram transferidas para o espaço virtual, obedecendo a novos protocolos e rituais. Para a UFRPE, a liturgia pedagógica a partir de então deverá ser organizada da seguinte forma:

Art. 9º - As atividades pedagógicas não presenciais podem ser realizadas por meio de interações síncronas e/ou assíncronas, priorizando-se as atividades desconectadas do momento real dos processos comunicativos mediados por tecnologias digitais, por proporcionarem maior flexibilização temporal e espacial.

§ 1º - As interações síncronas são aquelas realizadas com acesso simultâneo às tecnologias digitais, propiciando aos participantes conexão ao mesmo tempo e no mesmo espaço virtual em que a interação está ocorrendo, considerando-se, como exemplos: bate-papos virtuais (chats), webconferências, audioconferências, videoconferências, lives e outras;

§ 2º - As interações assíncronas não requerem simultaneidade no processo de interação entre os participantes, permitindo maior flexibilidade temporal e espacial, considerando-se, como exemplos: fóruns virtuais, blogs, wikis, videoaulas gravadas e outras; (UFRPE, 2020, p. 6).

É nesse cenário que retomamos as aulas. A disciplina de Estágio precisou adaptar-se

ao formato no on-line com encontros síncronos e assíncronos, ou seja, ao mundo digital. Sem dúvida, esse formato de aula foi um grande desafio para professores universitários e licenciandos, haja vista, o uso pontual que todos faziam da mediação tecnológica para desenvolver atividades de ensino e aprendizagem, diferente do que acontece na EAD. Com o desafio de ofertar aula para o formato on-line percebemos que tínhamos uma nova relação professor x estudante, e novas formas de se relacionar com o ensino e aprendizagem. No caso da disciplina de Estágio Supervisionado em História, que possui uma dinâmica diferente dos demais componentes, o processo de ressignificação foi mais intenso, sobretudo, pela substituição por conta do distanciamento social das etapas como ambientação, planejamento, execução das atividades e avaliação do processo pedagógico por atividades em ambientes virtuais como: gravação de videoaula, utilizando sistemas de videoconferência, como o Facebook, Skype, o Google Meet, Hangout ou o Zoom; e plataformas de aprendizagem, como o Moodle, o Microsoft Teams ou o Google Classroom, WhatsApp, Madmagz education e Soundcloud.

Para além dessa grande transformação no modo de fazer e ser professor, o cenário da pandemia descortinou o grave quadro de desigualdade social da sociedade brasileira e como isso afeta crianças, adolescentes, jovens e adultos. De acordo com dados da União dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime) e o Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed), com apoio do Centro de Inovação para a Edu-

cação Brasileira (CIEB), Fundação Itaú Social, Fundação Lemann e Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), “79% dos alunos dizem ter acesso à internet, no entanto, 46% acessam apenas por celular, o que limita tanto o trabalho do professor como a experiência de aprendizagem dos alunos (BRASIL, 2020)”. Esse grave quadro também não é diferente, quando observado os dados referentes ao acesso para os estudantes do Ensino Superior, que apresentaram sérios problemas de acesso à internet ou conectividade.

O uso das múltiplas linguagens na aula remota buscou simular a reprodução de realidades para proporcionar experiências mais verossímeis. Contudo, a própria vida cotidiana se encontra dissidente e não só a forma de operar a aula se torna um grande desafio, como também a recepção por parte dos estudantes. O quadro psicológico inflamado fragiliza tanto o ensino, quanto o estudo em história e nas demais ciências. Apesar das dificuldades enfrentadas na disciplina, o estágio supervisionado foi um espaço de aprendizagem colaborativa. Todos aprenderam a lidar de forma menos mecânica com as ferramentas digitais, uma vez que, as habilidade para operar com jogos, imagens, som e vídeos começaram a fazer parte do cotidiano dos estudantes e professores.

Nesse sentido, buscando elucidar como se deu o processo de desenvolvimento do Estágio Supervisionado em História no formato online, o livro organizado em três partes mostrará os desafios e as estratégias desenvolvidas pelos supervisores, estagiários, e a professora da disciplina para superar evasão, apatia e falta de internet/aparelho telefônico.

Assim, na primeira parte, intitulada “Histórias e Memórias dos docentes na pandemia”, o leitor encontrará um conjunto de entrevistas realizadas pelos licenciandos com os professores/as-supervisores/as do estágio em História. Esses relatos tratam de projetos políticos, utopias, práticas pedagógicas inovadoras e reflexões sobre os problemas sociais e econômicos vividos pelas crianças e adolescente durante a pandemia, materializados em problemas de conectividade (dificuldades de acesso à internet), desemprego, o aumento de doenças psicológicas em casa e ausência de alimentação adequada nos três turnos. Já na segunda parte do livro, chamada de: “COMO FAZER? aulas de História em tempos de ensino remoto”, pode-se observar a descrição das atividades desenvolvidas. Além de relatar como ocorreu a ação pedagógica, os licenciandos apresentam o processo de planejamento da aula no formato remoto. Todo o ritual pedagógico foi organizado a partir da perspectiva do Design Thinking, que tem como objetivo a resolução de problemas pedagógicos trazidos pelos estudantes nas aulas. Os trabalhos apresentados mostram como a criatividade e o compromisso político, possibilitaram o desenvolvimento de suas aulas a partir das plataformas digitais. Por fim, na terceira parte, nomeada de “Fake news como objeto de debate nas aulas de História”, os autores apresentam reflexões sobre redes sociais, inverdades, verdade e pós-verdade como tema na sala de aula.

Diante do exposto, reforçamos o convite para que venham conhecer as estratégias de resistência desenvolvidas pelos estudantes do curso de Licenciatura em

História da UFRPE em suas turmas de História do Ensino Fundamental no enfrentamento à evasão escolar, o desemprego, a pobreza, e ausência de acesso à internet ou aparelhos de celulares com pacotes de internet dos estudantes da educação básica. Nesse sentido, o livro apresenta um cenário difícil, triste e perverso, mas, ao mesmo tempo, mostra a potência e a importância da escola e do professor. Durante a pandemia, aprendemos que esse projeto de modernidade (escola) é essencial para a vida em sociedade, e que estudar é um direito inalienável. Descobrimos que o professor, sobretudo, o de História é um

grande patrimônio da educação. Assim, ao mesmo tempo que vimos o aprofundamento da desigualdade social no Brasil, o estágio supervisionado em História proporcionou a medida do possível, enxergar as potencialidades dos recursos tecnológicos. Por isso, vale a pena conferir os relatos e os artigos, por mostrarem que, apesar de todas as barreiras sociais, culturais, tecnológicas e educacionais, o estágio contribuiu para a aprendizagem de novos saberes e práticas, sobretudo, aqueles ligados às Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs).

Recife e Olinda, 16 de setembro de 2021.

JOÃO LUCAS DOS SANTOS SOUZA
JULIANA ALVES DE ANDRADE
MÁRIO EMMANUEL DE OLIVEIRA RAMOS
SOFIA ROBERTA DA COSTA VILELA

REFERÊNCIAS

BBC/NEWS-Brasil. **Matéria sobre Alerta de Pandemia em escala Mundial**, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-51842518>. Acesso em: 16 set. 2021.

BRASIL. **Relatório UNDIME e CONSED da Oferta de Atividades Educacionais não presenciais nos municípios durante a pandemia**. Disponível em: <https://undime.org.br/noticia/16-06-2020-13-14-undime-realiza-mapeamento-da-oferta-de-atividades-educacionais-nao-presenciais-nos-municipios-durante-a-pandemia>. Acesso em: 16 set. 2021.

BRASIL, **MEC nº 343, de 17 de março de 2020, nº 345, de 19 de março de 2020, e nº 473, de 12 de maio de 2020**. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-544-de-16dejunho-de-2020-261924872>. Acesso em: 04 mar. 2021.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2014.

UFRPE. **RESOLUÇÃO Nº 185/2020**. Disponível em: <http://www.ufrpe.br/sites/www.ufrpe.br/files/RECEPE185.2020%20ALTERA%C3%87%C3%83O%20RES.085.2020%20PLE.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2021.

ZABALZA, Miguel Angel. O estágio e as práticas em contextos profissionais na formação universitária. São Paulo: Cortez, 2014.

PARTE I
HISTÓRIAS E MEMÓRIAS
DOS DOCENTES
NA PANDEMIA

FORMAÇÃO E EXPERIÊNCIA DO PROFESSOR DE HISTÓRIA NA PANDEMIA

práticas e desafios da educação

FORMAÇÃO – Graduado em História pela UFPE em 2013, se especializou em Metodologias Ativas e Prática Docente no Instituto Brasileiro de Formação (UniBF), atualmente faz mestrado pelo Prof-História da UFPE, dando aula há oito anos na rede privada e em cursinhos pré-vestibulares.

Tal formação lhe permitiu conhecer tanto as questões técnicas, pedagógicas, teóricas e burocráticas do dia a dia docente. Comenta que, através da sua formação, aprendeu como se aproximar das questões relativas ao processo de pesquisa e ensino, em especial sobre os saberes docentes. A formação acadêmica, portanto, contribuiu grandemente na aquisição do seu conhecimento histórico e docente, em especial na reflexão sobre a história como ciência. Por fim, a sua formação teria se dado também através da vivência em sala de aula: acumulando 8 anos de experiência docente, boa parte de seus conhecimentos atuais foram aprendidos e apreendidos através da prática.

Ao refletir sobre o contexto socioeconômico de seus alunos, lembra que sua experiência com o ensino se deu sempre na rede privada de ensino, trabalhando com alunos da Média classe média e da Baixa classe média.



de ensino, trabalhando com alunos da Média classe média e da Baixa classe média. São alunos que, em sua maioria, tem acesso às ferramentas tecnológicas (internet, smartphones), apresentando dificuldades pequenas no que tange à alfabetização e o letramento digital (se dão bem com a leitura) com algumas poucas dificuldades na interpretação histórica.

EXPERIÊNCIA DOCENTE – Perguntado sobre as dificuldades encontradas nesse período remoto, o professor Pedro aponta duas questões principais: perda da motivação (sobretudo aos alunos do Ensino Médio, decorrente às cobranças de concurso, vestibular, etc...), perda de afetividade (transição ao ensino a distância mostrou a importância do

olho-no-olho, o contato, no desenvolvimento de saberes históricos e sociais), problemas de ansiedade, dificuldade por parte dos professores para conseguir acompanhar essa transição tecnológica, perda de apetrechos e recursos didáticos (tornando o ensino mais mecanizado, apesar da disponibilidade de plataformas, ficando mais difícil sair da aula expositiva, centrada no professor).

Ao ser questionado se existia diferença no perfil do estudante atual, quando comparado com sua experiência escolar foi enfático: "Sim". Mesmo tirando o saudosismo trazido pela memória, mas sendo necessária usá-la,

“Minha geração foi uma das primeiras gerações a ter contato com a internet, onde os alunos começaram a perder o sentido do que seria a educação, sendo um dos últimos a experimentar a escola como uma abertura de portas”

A EDUCAÇÃO NOS TEMPOS ATUAIS – Em suas palavras, os alunos atuais estão deixando de perceber o sentido por trás da instituição e cultura escolar. Seria algo anterior, mas que se torna cada vez mais grave nas gerações atuais.

Sobre o planejamento das aulas confessa que: "por pressão e expectativas dos pais, se baseia nos livros e na BNCC", passando o conteúdo expositivamente (por conta do tempo e pela pandemia), procurando estruturar o conjunto de aulas em três eixos: no primeiro eixo, prefere/precisa utilizar ferramentas multimídias como vídeo aulas, evita filmes, procura ferramentas mais rápidas, incentiva o uso dos livros e conteúdo escrito (material multimídia se torna apoio ou fonte para a

aula), incentivar o aluno a fazer uma ponte entre o conhecimento histórico e as atualidades. No segundo eixo privilegia seguir o currículo da apostila disponibilizado pela editora, multimídia e as pontes entre conhecimento histórico e prático. Por fim, tenta basear a avaliação de acordo com aspectos dialógicos, métodos tradicionais (termina sendo mais conteudista), prova escrita, atividades de produção de resumo, questionários, debates, produção de materiais que podem ser usados nas redes sociais.

Porém, se precisasse atribuir uma nota para a educação atualmente: de regular para bom, acreditando na capacidade dos alunos em discernir os princípios éticos e alcançar a motivação necessária.

EFEITOS DA PANDEMIA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

– Ao ser questionado sobre as dificuldades encontradas nesse período de ensino remoto/à distância, comenta que o contexto "local" domiciliar dos alunos acaba sendo uma grande empecilho. Muitos alunos estão tendo dificuldades com barulho, parentes, a sala de aula estar na residência apresenta uma barreira, requerendo uma estrutura para resolver essas questões.

Dificuldade com a leitura de certos textos: uma aula baseada na leitura se mostra difícil. Desta forma, se faz necessária uma maior centralidade do professor, sendo exigido pelas instituições uma pressão para saber se aquela aula está sendo aproveitado com toda sua montagem, centralizada no professor, em conferências e expositivas, sendo difícil trazer outras abordagens. A burocracia aumentou, o planejamento encurtou, se caindo em certos tradicionalismos que eram antes evitados. Problema da motivação e presença dos alunos.

Questionado sobre a utilidade quotidiana da história para os alunos ponderou: A história pode ser vista sobretudo, para o Ensino Fundamental como um suporte para o letramento/alfabetização-consolidação da leitura. Tendo um peso como possibilidade de leitura de mundo, de compreensão de contextos sociais, econômicos, políticos e culturais, dando possibilidades de explicação e leitura do mundo que cerca o aluno. Pode servir como princípios de formação ética e moral. Pode ajudar a gente a compreender o mundo que pode ser feito

e o mundo que foi construído (passado e presente). Levado a pensar sobre os principais objetivos da história na educação, acredita constituir, na vivência escolar, uma perspectiva progressiva e cidadã da História. Uma constituição ética e democrática, num contexto de emancipação do indivíduo (o que seria discutível). Serve, em seus princípios de leitura, para o mundo do trabalho, apesar de ser diminuído em sua ser-entia. Entre outras palavras: formação ética, cidadã e interpretativa-científica.



ENTREVISTA REALIZADA POR: ARTHUR FELLER RIGAUD CARDOSO E MATEUS SANTIAGO DE LIMA

HORIZONTES E TRAVESSIAS NO ENSINO DE HISTÓRIA

"decisão política de trabalhar com trajetórias de vidas excepcionais"



ATUAÇÃO – Edgard Luna é professor da rede pública do estado de Pernambuco e leciona na Escola Municipal Poeta Joaquim Cardozo e na Escola Estadual Professora Zulmira de Paula Almeida, atuando no Ensino Fundamental, Médio e na Educação de Jovens e adultos. Para ele, não atuar nas inúmeras redes particulares operou a partir de sua decisão política de trabalhar com o ensino público. Para ele, as práticas educativas podem ser vistas como processos que acarretam dificuldades, mas também alegrias e bons frutos.

TRAJETÓRIA – Quando adolescente traba-

lhou, estudou, e teve contato com a sala de aula lecionando inglês para a educação infantil. Sua graduação em História nos idos dos anos 1990, realizada na UFPE foi bastante “bacharelesca”, afirma, e a práxis no cotidiano da sala de aula que o formou professor. Aprendeu no dia a dia das práticas educativas e através de cursos de extensão, projetos, pós-graduação em ensino de história e gestão escolar pôde consolidar ainda mais o seu conhecimento. Filho de professora do ensino fundamental, sobrinho de historiador, começou a ser estimulado pelo tio à leitura. O primeiro contato de Edgard com as humanidades se deu nos momentos de castigo pelas peripécias feitas no início da adolescência, em que contactou um livro de filosofia. Era sobre os sofistas - relembra -, desde então encantou-se pelas humanidades e foi trilhando o seu caminho rumo à história. Edgard busca engajamento político em suas práticas educativas. Não fica restrito às aulas e orienta-se junto à gestão da escola na procura de atender as demandas da comunidade, além de organizar jogos e dinâmicas dentro do espaço escolar. Por uma postura ideológica e não por ambições políticas,

salienta o professor que se candidatou ao sindicato do Recife. Também é militante político, filiado ao PT, e desde a adolescência participa de movimentos estudantis. Sonha em fazer mais pela educação, de maneira ampla sem as amarras do ensino formal e trabalhar com seriedade juntamente com as políticas públicas para torná-las mais efetivas.

O EDUCADOR – Para Edgard, nem todo o professor é educador. A palavra professor carrega o arquétipo daquele que detém o conhecimento, como o tutor. Por isso, a opção de chamar os professores de educadores. O processo educativo permeia o cultivar e o cuidar. Educar vai além dos conteúdos. O trabalho do educador é dialético e parte da realidade do educando. Na educação, o educador não deve ser o centro, ele deve estimular a participação dos processos de conhecimento do outro e amplia suas visões, participando de um movimento emancipatório. Acredita que é um processo complicado quebrar com as velhas perspectivas conteudistas e lineares. É preciso fazer o educar para a vida sem estabelecer ciclos fechados do saber. Edgard reconhece em si, uma influência Freireana, onde vê a educação como uma prática libertadora.

"O processo educativo permeia o cultivar e o cuidar"

ENSINO DE HISTÓRIA – Como professor de história, percebe a disciplina de maneira abstrata e reflexiva, sucedendo uma dificuldade aos alunos de reconhecer códigos, ler e escrever, além de não se identificarem com os conteúdos abordados. Os materiais didáticos adotados pela rede de ensino, por vezes

são produzidos nas regiões sul-sudeste e são repletos de signos que não conseguem ser apropriados pelos educandos. Edgard percebe o modelo escolar semelhante ao reproduzido no século XIX. Comenta que é preciso trazer a história para perto da realidade dos alunos e que há uma necessidade de se olhar para a prática cotidiana. O professor pontua a importância da disciplina "História do Recife" presente no currículo do ensino básico municipal, por meio desta encontra alternativas para conectar os estudos ao dia-a-dia dos jovens, abordando assim história, política, cultura e patrimônio, em elementos muito mais próximos que conteúdos referentes a outros continentes, dessa forma, despertando o interesse pela disciplina que leciona.

"Ou se trata a educação com seriedade, ou se paga um preço muito alto"

POLÍTICAS PÚBLICAS – A escola e as políticas públicas para a educação precisam mudar. Há alguns anos, professor Edgard tem participado ativamente de debates na esfera política acerca do Fundeb, responsável pelo financiamento da educação básica pública de todo o país. Comenta que quem pensa a gestão da educação, por vezes, não conhece integralmente a realidade da escola. O professor deve ser valorizado e reconhecido em todas as instâncias, porque ele lida com a vida, e quem lida com a vida também lida com sonhos.

PANDEMIA – Como professor, Edgard tem vivido novas experiências tecnológicas de forma acelerada com a implementação do ensino remoto como alternativa à sus-

pensão do ensino presencial em razão da pandemia de covid-19. Recentemente abriu um canal no Youtube chamado EdgardLuna. Busca utilizar ferramentas e linguagens alternativas que estão a sua disposição, música, imagens, vídeos, para que de uma maneira mais dinâmica e didática construa juntamente o conhecimento. Para ele toda mudança causa receio, e a tecnologia ainda tem sofrido resistência por parte da sociedade que se transforma todo o tempo, e de maneira emergencial muito se mudou em apenas três meses. Não cabe julgar a tecnologia como faz o estado algumas vezes ao proibir o uso do celular, por exemplo, mas, ressignificar nossa relação com esses novos aparelhos que se apresentam, afinal é muito provável, mesmo adiante, que o sistema híbrido de ensino seja adotado em virtude da insegurança em relação à saúde da comunidade escolar - afirma Edgar.

"Diversificar as atividades na sala de aula é uma maneira de democratizar a educação"

Considerando a desigualdade no acesso à internet, acredito que é necessário trabalhar de maneira mais democrática e popular, não entrando em confronto com a tecnologia, mas a estruturando ao nosso

favor. Muitas coisas estão por vir - comenta - e a tecnologia estará posta à serviço de quê?

LINGUAGENS ALTERNATIVAS – Admira e se inspira no MCP, Movimento de Cultura Popular construído na cidade do Recife nos anos 60, instrumento pedagógico que objetivou orientar para a consciência política da população, a partir da alfabetização e de estímulos artísticos. A educação popular pode ser o caminho para romper relações de domínio que diminuem a classe trabalhadora. Edgard identifica no seu exercício, estudantes com espantosa dificuldade de reconhecer códigos, ler, escrever, então percebe que agregar responsabilmente sons e imagens às aulas, dinamizando o processo de ensino, pode acrescentar positivamente a experiência dos sujeitos envolvidos. Diversificar as atividades na sala de aula é uma maneira de democratizar a educação, constatou o professor que procura com o seu trabalho, auxiliar para que os estudantes se tornem verdadeiros agentes do conhecimento e para que esses indivíduos em formação exerçam plenamente a cidadania que lhes confere.

Educar é cultivar a vida, o sonho e suas potencialidades.

ENTREVISTA REALIZADA POR: ÍTALO NERY DE ALBUQUERQUE REGO, MARIA PAULA PRESBÍTERO DA SILVA E SOFIA ROBERTA DA COSTA VILELA.

NAS TRILHAS DO ENSINO REMOTO

desafios para(de) uma educação humanizada durante a pandemia

FORMAÇÃO – Moradora da cidade de Jaboatão dos Guararapes, e graduada em História pela Universidade de Pernambuco – UPE, Clécia Maria da Silva aponta que na época em que fez sua graduação, o curso de História só existia no turno da noite, e que foram anos difíceis por causa das viagens diárias para Nazaré da Mata, mas enriquecedores por ser uma boa graduação. A professora ressalta que essa graduação foi marcante, pois teve a oportunidade de participar do GEHSCAL – Grupo de Estudos em História Sociocultural da América Latina, da professora Kalina Vanderlei Silva, logo em seu início. Já no 4º período, ela conseguiu um estágio, no qual teve que dar aulas, bem como conheceu um professor que estava para se aposentar, e o teve como referência, pela sua calma e domínio do conteúdo.

Para além dessa graduação, fez Mestrado na Universidade Federal de Campina Grande, na Paraíba, onde passava dois dias estudando, e retornava a Região Metropolitana do Recife para dar aulas. Foram dois anos com essa rotina, tendo apenas as noites e os sábados para se dedicar a sua dissertação.

Atualmente, está fazendo uma Graduação em Pedagogia, diz ter sido “mordida pelo bichinho da educação”, e que esta vem para lhe fazer refletir sobre sua prática de



ensino, contudo, revela ainda ter interesse em voltar suas pesquisas para fazer um Doutorado.

Com domínio sobre os conteúdos do século XIX e História Moderna, dos quais sempre deu aula, por atuar, desde o início de sua carreira, com turmas de 6º e 7ºAno, tem como preferência de leitura obras de Historiografia e Literatura. Duas categorias das quais, habitualmente, se dedica em paralelo, uma prática que começou no grupo de pesquisa de Kalina Vanderlei, no qual intercalavam as leituras da pesquisa com Literatura, para desenvolver a escrita.

DIFICULDADES ENFRENTADAS – Com as aulas remotas iniciando ainda no mês de agosto, a professora indica que começaram utilizando o Google Classroom, porém, já na segunda semana de aula, a prefeitura determinou que deveriam utilizar a Plataforma UniRec.

Uma plataforma orientada por trilhas de conhecimentos pré desenvolvidas, a serem seguidas pelos/as professores/as, inclusive ao ponto do (re)início das aulas tomar como ponto de partida o conteúdo do segundo bimestre, mesmo as aulas tendo sido interrompidas pela pandemia ainda na metade do primeiro bimestre.



Assim, buscando uma forma de ter mais autonomia, sendo essa a limitação das trilhas, a professora Clécia dispõe do Google Meet para aulas online. Ademais, ela assegura que as principais dificuldades que enfrenta nesse momento são a baixo quantitativo de alunos nas aulas online, algumas turmas com três, sete, e outras com aproximadamente 20 alunos; a acanhada participação dos alunos; e especialmente o acesso dos mesmo as plataformas, pois por mais que a prefeitura tenha disponibilizado chips aos alunos para acesso a internet, muitos desses não tem celular, tablet, computadores para acessar as aulas, ou os pais ainda não foram buscar o chip na escola, ou simplesmente tem dificuldade em lidar com essas tecnologias. A professora ainda aponta que alguns alunos se sentem envergonhados de mostrarem suas casas porque muitas delas são muito simples. Mas o que estes sentem mais falta é da socialização, falta da escola, uma falta que também é sentida pela professora, uma vez que considera o contato pela tela do computador muito frio e distante.

TUTORA OU PROFESSORA – Entendendo a disciplina de História como uma forma de contribuir para a sociedade, e trazer mais humanidade para a vida dos alunos, de modo que estes tenham conhecimento para não ficarem presos aquilo que os outros dizem, e desenvolverem sua independência e consciência crítica, a professora Clécia da Silva indica que no início da quarentena, os/as professores/as tiveram formações sobre tutoria, e questiona se esta prática de tutores pode ser entendida como a prática de um professor.

Ela afirma que na prática acaba sendo uma mescla das duas coisas, por vezes são necessárias habilidades de professor conteudista e em outras a de tutor. Diante de sua experiência, aponta algumas diferenças: Como professora formadora, tem autonomia para planejar a aula, e pensar atividades, e/ou textos diferenciados, etc.; já como tutora, deve acompanhar as atividades, tirar dúvidas, e seguir as trilhas, que já vem prontas com textos que ela aponta serem mais adequados a alunos do ensino médio e não do fundamental.

Assim, mais do que um relato da experiência de uma professora de História do ensino fundamental na pandemia, essa entrevista expressa a preocupação de uma profissional que não só conhece teoria e prática, mas que vive essa realidade diariamente, buscando proporcionar uma educação humanizada aos seus alunos, uma educação que garanta o direito a uma formação ética, ao desenvolvimento de um pensamento crítico, de uma autonomia intelectual, e ao aprimoramento como pessoa humana.

ENTREVISTA REALIZADA POR: JOÃO CORDEIRO NEVES JÚNIOR, JOÃO LUCAS DOS SANTOS SOUZA E LEONARDO JÚNIOR DO NASCIMENTO.

OS DEVERES E PRAZERES DE ENSINAR HISTÓRIA

“Quando a gente se depara com outros tempos a gente até aprende sobre esses outros tempos, mas a gente aprende mais sobre nós, sobre nosso tempo...”

FORMAÇÃO – Tendo desde sua graduação contato com os arquivos, visto que cursou licenciatura e bacharelado, o professor Henrique Nelson começou a estudar sobre as relações sociais no período colonial brasileiro desde seu quarto período. Fator que acabou direcionando sua trajetória de pesquisa até o doutorado, passando por toda essa etapa como estudante da UFPE.

Experiência que acaba falando um pouco sobre sua vida, pois até em suas leituras favoritas costuma ser comum títulos de historiografia. Diz que tem um apego em especial pela Historiografia Social Inglesa. Não descarta também clássicos da literatura brasileira como José Saramago. Mas acaba acreditando que por nos apegarmos à história e por termos muita coisa para descobrir nesse mundo da historiografia, falta tempo para leitura em outras áreas. Como reflexo disso, cita o último livro que leu, o recém-lançado trabalho sobre o Autoritarismo Brasileiro, da pesquisadora Lília Schwarcz Disse que fez questão de comprar no lançamento e com direito até ao autógrafo da autora, tinha uma admiração por ela, a ponto de programar entrevistá-la em breve em seu programa no YouTube, que leva o nome de Conversa Historiada.

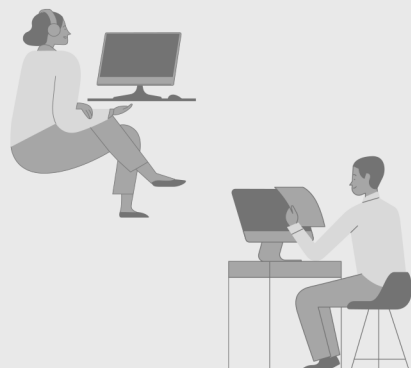
CARREIRA – De fato é um professor muito



dedicado à carreira, sempre estava a produzir conteúdo ligado ao ensino em diversas plataformas, tanto para seus alunos, que variam de crianças e adolescente da rede pública a adultos universitários, quanto para os professores, visto que era um professor formador na Prefeitura do Recife.

DIDÁTICA – Sua sala de aula costuma ser interativo e sempre busca a participação dos estudantes, mesmo que às vezes não o correspondam. O professor ressalta que tenta em suas avaliações apresentar as mais diversas atividades, de acordo com a secretaria de educação da prefeitura do Recife, de ter uma nota sendo avaliada por prova escrita; o cálculo final da avaliação é o resultado somado de três notas, sendo

uma pela prova escrita citada e outras duas pelos blocos de questões ou pesquisas. Segundo o professor "um dos melhores caminhos para ensinar história é estimulá-los a pesquisarem fontes, referências e etc".



Para o professor estão muito ligadas as formas de criação do planejamento e as experiências enquanto professor em sala de aula. Com o passar do tempo esse processo fica muito mecanizado e automático, e a ele mesmo faz este alerta. No mais, tenta usar bastante o livro didático, que segundo ele, tem sua importância dentro do contexto de material permanente, mas também busca em pesquisas este complemento. Acaba usando sites voltados para educação, vídeos e músicas em plataformas digitais como, por exemplo o YouTube... Sobretudo neste momento de aulas não presenciais, nisso o professor destaca: "Eu tento fazer o possível para que toda aula traga algum vídeo porque esta coisa de meet só falando é muito complicado. Por isso tento trazer vídeos curtos dentro de uma linguagem que principalmente atinja melhor os jovens". Isso é um dos motivos de o professor esta tentando trabalhar de maneira mais didática seus temas em sala, da mesma forma que ele alerta para falta de tempo para com o professor e isso influencia diretamente até mesmo na atualização dos assuntos discutidos ficando assim por muitas vezes a cargo do professor se desdobrar para tentar diminuir esta defasagem que existe.

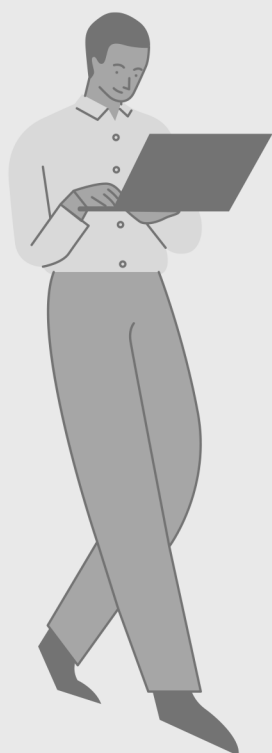
SER PROFESSOR – Quando falamos sobre seu currículo e as suas contribuições em sua carreira pedagógica achou pertinente o tema. Segundo o professor seu mestrado e doutorado não contribuem de maneira direta para a sua prática. O professor diz que sua pós-graduação estava voltada para a formação do pesquisador.

E que poucas vezes foi levantado a questão do acesso do que se pesquisa para as pessoas fora do meio acadêmico. Ele diz: "Poucas vezes eu me lembro, em todo meu processo de formação, alguém parar pensar em como a gente vai trabalhar isso para com os alunos de anos finais e ensino médio".

O PAPEL DA HISTÓRIA – Em relação à função do ensino de história o professor destaca a sua necessidade para a efetivação da cidadania. Segundo Henrique Nelson a história, ela nos oferece um panorama de possibilidades e através destas possibilidades, podemos fazer leituras mais aprofundadas em relação aos problemas que venham se apresentar para nós. O professor acredita que a história tem um papel fundamental na construção da identidade do cidadão, a partir do ensino de história podemos conhecer melhor outra cultura, outro tipo de economia, outra forma de governo e assim podemos enxergar melhor esse mundo que nós cerca, mas esse aprendizado nem sempre é dado de forma correta, sendo assim, Henrique chama a atenção para as armadilhas que a história pode nos pregar. O mesmo chamou a atenção "narrativas desonestas" que vem ganhando bastante espaço nos últimos anos e, nos, dar alguns exemplos dentro do processo histórico brasileiro como a ditadura militar que muitas vezes sua narrativa é distorcida e não condiz com a realidade do fato.

Ainda hoje, no Brasil um grande número de pessoas afirmam que nunca existiu ditadura e muitos livros didáticos ainda se negam a utilizar do termo ditadura para utilizar o termo Regime abrandando assim o que foi esse período e assim dando cabimento a essas “narrativas desonestas”. Para o professor uma das principais dificuldades em sua carreira é o enfrentamento do sistema e a desvalorização do professor enquanto

profissional. E que para ele, muitas vezes são os profissionais licenciados são confrontados por pessoas que não entendem nada de educação, mas por ocupar um cargo de poder acabam direcionando os currículos e práticas. O professor fez enquanto trabalhador do ensino público foi a precarização e a falta de políticas públicas adequadas para a escola e o regime de trabalho ser bastante desgastante.



**ENTREVISTA REALIZADA POR: KAYO VICTOR DE PAULA, LUCAS JOSÉ DO NASCIMENTO
E PAULO ANDRADE CAETANO DA SILVA.**

PANDEMIA, EDUCAÇÃO E REDESCOBERTA

um professor em processo de construção



FORMAÇÃO E EXPERIÊNCIA – Formado em Direito, Licenciado em História e Especialista em Ensino da História, o professor Anderson Araújo iniciou sua docência como voluntário no Projeto Rumo à Universidade. Atualmente atua nas Redes Estadual e Municipal nos ensinos Fundamental e Médio em disciplinas como: História, Geografia e Filosofia. E dentre tantas formações sobre Políticas de Ensino, participou da construção da BNCC, de projetos exitosos de robótica e atuou como Coordenador Pedagógico e Gestor. A atividade de lecionar por vezes toma o tempo das leituras habituais, tais como: “A Era dos Extremos” de Eric Hobsbawm e “A História das Sociedades” de Rubim Santos Leão de Aquino, mas o preparo das aulas propor-

ciona novas experiências literárias como: “Pernambuco no Tempo do Cangaço” de Geraldo Ferraz de Sá Torres. Ele se sente confortável em abordar os conteúdos da História Geral, sobretudo das Civilizações Antigas e a Idade Média.

“Um bom professor é aquele que quando vai dar aula pensa nos alunos!”

Para Anderson Araújo, um bom professor é aquele que pensa no seu público. E defende que não adianta fazer uma aula para si, baseado nos seus conhecimentos e o aluno não ser contemplado. Segundo ele, o professor deve procurar uma metodologia que faça com que os alunos compreendam, seja através de jogos, vídeos ou músicas, o que importa é interagir com o aluno de uma forma que ele venha a compreender e desenvolver as habilidades necessárias. Assim, afirma que: “o bom professor não só aprende em casa fazendo seus estudos, mas também aprende com seus alunos no dia a dia, e procura fazer a educação da melhor forma possível”. Cabe citar que o processo avaliativo para o professor Anderson deve ser abrangente, indo além da prova escrita, considerando a participação em aula, a assiduidade, participações em pesquisas e trabalhos interdisciplinares, e a confecção de relatórios produzidos a

partir de visitas externas, dentre outros aspectos.

A ESCOLA – O professor afirma que a escola é a saída pra diversos problemas que existem hoje. Anderson Araújo, defende que através da escola é possível transformar a realidade de jovens fazendo com que eles tenham uma melhor perspectiva de vida.

"A escola é responsável pela mudança de um país."

O ENSINO DE HISTÓRIA – Anderson Araújo parte da tese de que a História permite ao educando uma visão do contexto onde ele está inserido, pois através dela trabalhamos sobre política, sociedade e cultura. A história é muito ampla e tem o papel de fazer com que o aluno reflita sobre o passado para entender o presente.

O professor defende uma história indisciplinar, que promova a interação com outras matérias. E utiliza como exemplo os conteúdos trabalhados em sala: "Quando falamos sobre Roma não só trabalhamos a história, mas, também a parte geográfica, se trabalhamos a Idade Média podemos vincular com a biologia quando estudamos a peste negra ou as doenças da época, ou quando fazemos um apanhado histórico de uma cronologia de tempo estamos trabalhando a matemática".

A PANDEMIA – Para Anderson, é uma realidade muito diferente, e, foi necessário estudar os assuntos, buscar novos aplicativos, assistir novos conteúdos e verificar se estavam adequados às turmas, além de baixar e editar vídeos. E a adaptação no início causou certo impacto. Além da falta de estrutura de alguns

alunos, o que fez reduzir o tamanho das turmas consideravelmente.

A nova prática de dar aulas remotas por vezes deixa os professores desconfortáveis, por ser um sistema novo, e pelo fato de poder ocorrer erros, além de ser gravado. Por outro lado, essa situação acabou aproximando os professores tanto dos pais dos alunos quanto da gestão escolar, pois foram criados grupos em aplicativos, promovendo a união entre a escola e a comunidade.

Para o professor, trabalhar com o público variado, com níveis muito diferentes, e contemplar a todos com o aprendizado é a maior dificuldade. Onde existem alunos que não sabem ler, ou tiveram uma base muito ruim. É necessário construir um processo de aprendizado de uma forma mais lenta e com diálogo. No passado, a indisciplina foi outro ponto citado, sobretudo em turmas grandes onde ocorrem brincadeira e conversas. E manter o controle de uma aula nestas condições muitas vezes é difícil, principalmente dependendo da comunidade em que a escola esteja inserida, ou com alunos sem estrutura familiar. "A falta de estrutura física para se trabalhar é outro problema. Salas de aula com quadros negros pela metade, sem tomadas para encaixar equipamentos, salas extremamente quentes, sem ventiladores ou janelas, com uma quantidade grande de alunos, enfim, falta investimento com a educação".

Anderson afirma que o maior desafio é encarar a forma como os professores são vistos pela sociedade, não como a comunidade vê, porque a comunidade respeita o professor, mas é como o governo enxerga o professor. "O professor está inserido numa categoria que deveria ser mais valorizada, não é do

ponto de vista material, mas, do ponto de vista moral, de dar importância à profissão, de entender que esse profissional faz a diferença na sociedade."

EXPERIÊNCIAS POSITIVAS – De acordo com Anderson: "o que é mais positivo e gratificante para um professor é quando a gente trabalha em uma escola e percebe que há um feedback da parte dos alunos, quando eu saio de uma sala e um aluno diz: "Professor, que aula muito boa o

senhor deu! Que aula maravilhosa!" Ou quando você encontra um aluno em algum lugar fora da escola, e ele faz questão de lhe apresentar aos pais como seu professor. Quando preparamos simulados on-line e temos a participação dos alunos mesmo à distância, considero uma experiência exitosa. Quando meus alunos foram premiados em projetos de robótica, ou quando alunos fizeram trabalhos excelentes em feiras de ciência e foram muito elogiados".



ENTREVISTA REALIZADA POR: ANDERSON BEZERRA DE JESUS, JONAS CLEVISON PEREIRA DE M. JÚNIOR E MÁRIO EMMANUEL DE OLIVEIRA RAMOS.

PONTES PARA EDUCAÇÃO



"O debate sempre fez parte da minha história, Nasci e me criei dentro da educação."

TRAJETÓRIA E INFLUÊNCIAS – Filha de professora e neta de dona de escola, desde muito cedo Lêda Cruz teve um contato direto com o ofício do magistério. Seja como estudante da rede privada, seja como filha acompanhando sua mãe professora da rede pública de ensino. Dentro da família, os debates sobre a política eram um assunto recorrente, e, isso influenciou bastante no seu interesse pelas ciências. A luta política acabou se tornando uma constante na sua vida. Na infância e adolescência vivida na década de 1980, acompanhava sua mãe nas passeatas e comícios em defesas do direito das mulheres e nos anos em que ingressou na universidade militou ativamente junto ao movimento estudantil. Tendo como preferência leituras com temas voltados para a psicanálise, feminismo, biografias e romance, a professora Lêda, cita que uma de suas leituras preferidas é “A ciranda das mulheres sábias”, de Clarissa Pinkola Estés.

Outro fator que influenciou o seu interesse pelas ciências humanas foram

os seus professores do Ensino Fundamental e Médio. Os debates e demais atividades promovidas pelos seus professores em sala de aula juntamente com a forte militância política da sua família, foram essenciais para a escolha de prestar o vestibular e ser aprovada no curso de Licenciatura em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Formou-se em História pela UFRPE no ano de 2004, concluiu a Pós-Graduação em História das Artes e das Religiões em 2005. A partir de 2006, começou a atuar como professora efetiva da Rede Municipal do Recife, ingressou na prefeitura como professora de História, mas nos últimos dois anos vem atuando como professora nas disciplinas de Geografia e Sustentabilidade e mudanças Climáticas. Além da graduação em História, Lêda Cruz cursou Psicologia na FAFIRE, se formou em 2014 e em 2015 começou a trabalhar como psicóloga clínica e fez algumas pós-graduações na área. Em agosto de 2020, ingressou por meio de edital, no grupo de Estudos e

Pesquisas em Psicanálise e Educação (GEPPE), da UFRPE e UFAPE.

ESCOLA NA PANDEMIA – Em relação a volta das aulas durante a pandemia, a professora Lêda Cruz, chama atenção para vários aspectos, sobretudo, os relacionados as condições sociais e econômicas das famílias dos estudantes, o acesso a equipamentos adequados para aulas remotas e a saúde emocional. No que se refere a estrutura, a professora pontua as dificuldades do acesso. Boa parte dos professores e estudantes não possuem internet com qualidade suficiente para acompanhar as aulas sem problemas de conexão. De acordo com a professora Lêda Cruz, durante a pandemia os professores tiveram que se reinventar para organizar as aulas, a falta de recursos adequados para o ensino remoto, gerou uma demanda maior de tempo para a preparação das aulas, ocasionando uma carga horária de trabalho maior do que já é normalmente. Além disso, a dificuldade para organizar centenas de alunos em grupos nas redes sociais para a distribuição dos links das aulas e demais materiais didáticos é uma tarefa árdua para os professores e gestores das escolas.

"A evasão escolar é um ponto preocupante da pandemia."

A evasão escolar é o grande problema do período da pandemia. Existe por parte da gestão escolar uma busca ativa para saber os motivos das ausências e faltas. O número de faltas do 6º ano é menor se comparado com as turmas do 7º ao 9º ano. Nos anos finais do ensino fundamen-

tal temos uma quantidade pequena de alunos repetentes, no entanto, por conta da pandemia temos um número expressivo de evasão. Para ter ideia do impacto da pandemia no setor educacional. A turma do 6º ano B que acompanhamos no estágio orientado pela professora Lêda Cruz, compreende 35 alunos matriculados, com idade entre 11 a 13 anos. Contudo, apenas uma média de 13 – 15 alunos frequentam assiduamente as aulas remotas. O conteúdo das disciplinas tem base no Política de Ensino da Rede Municipal do Recife: ensino fundamental do 1 ao 9 ano.

DIFICULDADES – Uma das dificuldades apresentadas pela professora Lêda Cruz, é em relação a estrutura da escola. Para a professora, os espaços destinados pelo município, geralmente não são propícios para serem ambientes escolares, na maioria das vezes a prefeitura aluga grandes casas para comportar a escola, por conta disso, é possível observar a falta de espaços para alimentação, recreação e a realização de atividades lúdicas, além da climatização das salas serem insuficientes. A professora Lêda Cruz nos informa que a escola se tornou integral ano passado tendo uma mudança significativa na gestão e na estrutura da escola, possuindo este ano um aumento de turmas, pois houve a mudança para o prédio de uma antiga escola particular no mesmo bairro, que no caso é o bairro o Ipsep, a procura por vagas foi muito grande. A docente nos conta também que houve uma grande inserção dos alunos de colégios particulares de pequeno e médio porte no atual colégio, devido à mudança de estrutura e pela escola ter se tornado de referência.

ENTREVISTA REALIZADA POR: ALDO DE SOUZA FERREIRA E RAYANE NATHALINE DIAS DE BARROS.

PARTE II
COMO FAZER? AULAS DE
HISTÓRIA EM TEMPOS
DE ENSINO REMOTO

COMO FAZER?

Roteiro de vídeo-aula para o Campo do Ensino de História



O que nós vamos criar?

Descrever o tipo de produto que será criado

Qual é o tema do seu trabalho?

Descrever o tema/assunto que

Qual o título do vídeo?

Finalidade do vídeo?

Para que ano escolar?





Quais objeto(s) do conhecimento?

Quais os Materiais Necessários para o vídeo?



Storyboard (Plano de Sequência)

CENA	TEXTO FALADO	INDICAÇÃO DA FALA	LETTERING	DESCRIÇÃO DA CENA
1	Texto a ser narrado ou dito em cena pelo professor.	De que forma essa fala será inserida no vídeo. Narrada, apresentada...	Adicione aqui qualquer forma de texto apresentada visualmente	Descreva o enquadramento da câmera, cenário, vestuários e etc.

Orientações Técnicas

- 1 Estabilize seu celular, não grave segurando-o com a mão;
- 2 Cuidado com os ruídos, grave em um lugar silencioso;
- 3 Tente utilizar o seu fone de ouvido como microfone;
- 4 Grave em locais iluminados e de preferência durante o dia. Abuse de luminárias, porém cuidado com as sombras;
- 5 Limpe a lente da câmera;
- 6 Use a posição do celular (Vertical ou horizontal) de acordo com o tipo de conteúdo que você vai produzir;
- 7 Coloque o celular em modo avião e confirme que ele está carregado;
- 8 Antes de começar a captação, faça um teste de vídeo e analise se o vídeo possui ruídos, se a iluminação está boa.

COMO FAZER?

Colagem audiovisual explicativo sobre II Guerra Mundial



CENÁRIO

O encontro se deu na sala virtual da Escola Municipal Poeta Joaquim Cardozo, localizada no Recife, pela plataforma GoogleMeet, com os estudantes das turmas A e C do 9º ano e supervisão do professor Edgard Luna. Após uma breve apresentação do objeto: Segunda Guerra Mundial, foi realizada uma análise dos antecedentes e então reproduzido um audiovisual explicativo, seguido de uma discussão aprofundada e por fim curiosidades e considerações foram compartilhadas.



DESAFIO

No contexto pandêmico, as faltas se tornam ainda mais preocupantes, especialmente no ensino público. A proposta seria criar um conteúdo que fosse atraente e que pudesse ser acessado mesmo por quem não estivesse presente no momento da aula.



INSPIRAÇÃO

É necessário lutar contra o esquecimento e a negação. Somente conhecendo o passado, por mais doloroso, para compreender e transformar o presente e evitar que tamanha tragédia se repita. A ideia foi pensar uma forma didática para dinamizar o ensino e facilitar a compreensão dos acontecimentos.



PROTÓTIPO

O resultado de todo processo foi o produto audiovisual montado através de colagens digitais com a técnica do *motion graphic*, acompanhado de uma narrativa audio-descritiva com o tema "Segunda Guerra Mundial". Na abertura a ambientação se dá com a leitura um texto selecionado do Diário de Anne Frank, as manobras do conflito são narradas acompanhadas de imagens que ganham movimento através da edição. O vídeo também foi disponibilizado para a turma na plataforma do youtube.

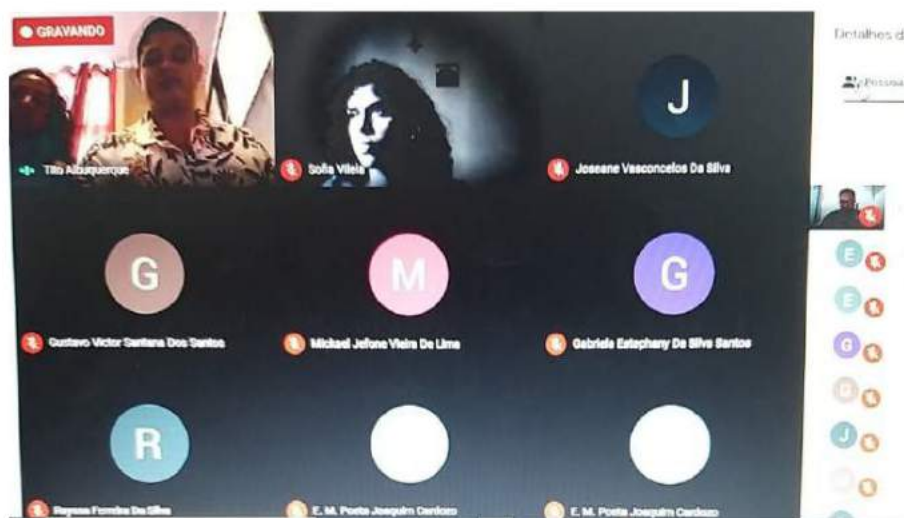


EXPERIÊNCIA

O desenvolvimento desse pequeno projeto foi desafiador e estimulante, os alunos se mostraram envolvidos, fizeram elogios ao produto audiovisual, que também foi disponibilizado na plataforma do youtube, e no final apresentaram opiniões e questionamentos sobre a temática. A pandemia reconfigurou o pensar sala de aula e mudou as dinâmicas de ensino e aprendizado, sendo possível usar a internet em todo processo, buscando referências nas plataformas de pesquisa como filmes e livros referentes ao tema. Apesar dos distanciamentos, outras potencialidades foram exploradas com estas novas ferramentas, objetos estes que podem se estender para o espaço escolar como o uso de celulares na produção de conhecimento.



RETRATO



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=QVJl_Qb7SY0

COMO FAZER?

Game Educativo



CENÁRIO

Nossa experiência de estágio foi no 9º ano da Escola Municipal Octávio de Meira Lins, no bairro do Vasco da Gama. Estavam presentes nove, dos quinze estudantes, uma coordenadora pedagógica, o Professor Henrique e nós, mesmo que pela ocasião, professores Kayo, Paulo e Lucas. O nosso encontro, por motivos sanitários ocorreu pela plataforma Google Meet.

DESAFIO

A primeira coisa que pensamos quando soubemos que iríamos trabalhar a ditadura civil e militar brasileira foi a importância de discutir a questão dos direitos humanos. Com isso, partimos para a construção de uma narrativa de princípios democráticos e que teve um viés lúdico, que abrisse espaço para o uso de jogos.



INSPIRAÇÃO

Desde o início da nossa formação como professores viemos aprendendo que parte do processo de ensinar é também incorporar a realidade do estudante na educação. Pensando nisso partimos, junto ao nosso professor orientador, para a ideia do jogo. Escolhemos a plataforma do canal Futura e da Fundação Roberto Marinho, chamada "CDF - Clube Desafio Futura". E a partir dela pensamos qual proposta disponível utilizar.



PROTÓTIPO

Na plataforma "O Clube Desafio Futura" o usuário tem acesso à criação de jogos educativos baseados em perguntas e respostas. As perguntas e alternativas são criadas por nós, professores e podem ser em forma de Quiz ou verdadeiro ou falso. Todas elas são fechadas. A ideia do grupo era usar essa linguagem como forma de verificação da aprendizagem e também de fixação em relação ao conteúdo. A alternativa criada foi dividir a turma em times e transmitir a tela do jogo, tendo como vencedora a equipe que mais acertar as perguntas.

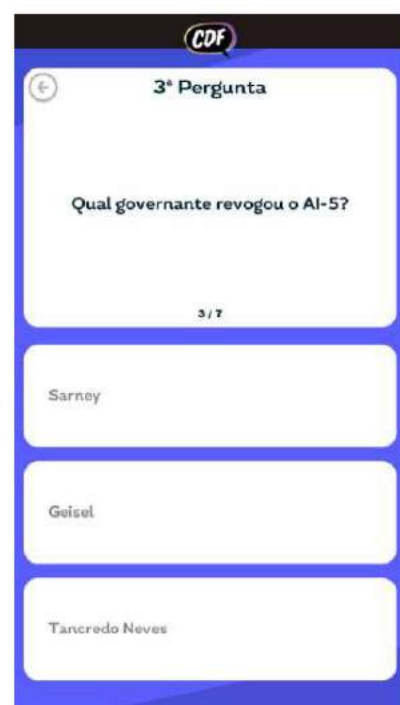


EXPERIÊNCIA

Tentamos fazer um aula da maneira mais aberta possível, visto que esse assunto costuma trazer muitas dúvidas e muitas delas são sobre democracia e violação dos direitos humanos. Assumimos a turma quando o assunto estava no debate sobre AI-5 e fomos até A eleição de Tancredo Neves. As participações dos estudantes bastante significativa, algumas vezes engraçadas, principalmente quando chegou o momento da prática do jogo. Dividimos a turma em dois grupos, um com cinco estudantes e um com quatro. Preparamos um número ímpar de questões e aquele grupo que respondesse mais questões corretas ganharia a disputa e um chocolate prometido pelo Professor Henrique. Por fim, achamos importante lembrar que somente o professor precisa possuir o app para a estratégia funcionar.



RETRATO



Fonte: Acervo Pessoal

COMO FAZER?

Panfleto digital sobre Fauna Brasileira



CENÁRIO

A elaboração da aula foi destinada para atuação em uma turma de sexto ano na Escola Municipal Luiz Vaz de Camões. O tema a ser trabalhado é a reconhecimento da fauna brasileira, especificamente do pantanal, a partir de uma construção histórica utilizando a plataforma do Google Meet. A turma possui um total de 35 alunos matriculados, contudo, apenas 13 frequentando as aulas por métodos remotos. A aula contou com a participação dos professores Rayane Barros e Aldo Ferreira, mediante a coordenação da professora Ieda Cruz.



DESAFIO

Em um pequeno contexto de evasão escolar, o desafio era trazer de forma mais dinâmica a construção e identificação de alguns animais da nossa fauna brasileira em uma turma de sexto ano, buscando introduzir e contextualizar com o cenário histórico que nos levou à presença de animais no Brasil que não são nativos do país.



INSPIRAÇÃO

O tema proposto foi escolhido mediante uma observação da professora de Ieda Cruz, no qual notou que os alunos possuem essa dificuldade em reconhecer os animais que faziam parte da fauna brasileira, acreditando que muitos dos animais que assistiam nos filmes e viam no Zoológico eram todos nativos de nossa Fauna.



PROTÓTIPO

A proposta do produto do presente trabalho foi a construção de um panfleto digital sobre as espécies nativa do pantanal brasileiro, a partir da construção coletiva e participação dos alunos. O objetivo era realizar essa interdisciplinariedade entre temas abordados em uma aula de geografia e trazer elementos históricos de uma forma mais dinâmica sobre o tema abordado. Com o tema: "Você já ouviu falar sobre mim?" tentamos reconstruir uma pequena identidade de nossa fauna do pantanal brasileiro.



EXPERIÊNCIA

Buscamos desenvolver a aula de forma mais participativa e dinâmica, objetivando relacionar um tema da área de geografia com aspectos de nossa construção histórica que nos refletiu até os dias de hoje. Os alunos que estavam em aula se demonstraram bastante ativos e interessados no desenvolvimento, introduzindo também os pais no auxílio para a construção do panfleto digital. Trabalhamos inicialmente com exemplos de filmes conhecidos que apresentam animais que não são nativos de nossa fauna até perpassar por filmes que são possíveis identificar tais animais. Foi uma aula bastante dinâmica e interativa.



RETRATO



Fonte: Acervo Pessoal

COMO FAZER?

Telejornal nas Aulas de História



CENÁRIO

Este produto foi desenvolvido em articulação com os conteúdos de História do Recife (séc. XIX), para uma turma do 7ºAno, com 27 alunos matriculados, mas com uma média de 7 alunos presentes nas aulas remotas, seja pela falta de acesso a internet, ou mesmo de um aparelho particular (smartphone, notebook...), disponível sempre que necessário.



DESAFIO

Diante da baixa participação e a grande evasão, tivemos que pensar em um produto que fosse passível de ser utilizado durante uma aula ao vivo, bem como compartilhado. Um material que pudesse ser acessado em qualquer momento que tivessem acesso a internet.



INSPIRAÇÃO

Ao acompanhar as aulas, percebemos que a professora utilizava vídeos como um recurso complementar a leitura. Como um dos integrantes do trio tinha a habilidade de desenvolver vídeos com fundo falso (Chroma Key), idealizamos um vídeo no formato de telejornal com fundos representando a cidade do Recife.



PROTÓTIPO

Com a proposta de desenvolver uma edição de um telejornal, chamado Jornal Popular a Praieira, definimos como recorte alguns marcos arquitetônicos para falar sobre o Recife do século XIX, e desenvolvemos um roteiro cujas cenas foram divididas em dois tipos: as chamadas do telejornal, e comentários de especialistas. Sendo todas as cenas representadas pelos integrantes do grupo, e virtualmente ambientadas nos espaços previamente definidos, por meio do fundo falso (Chroma Key), utilizamos o aplicativo PowerDirector (disponível para Android e IOS) para alcançarmos tal objetivo. É importante ressaltar que o aplicativo em questão possui uma versão gratuita, mas que gera uma pequena marca d'água no vídeo, e uma outra por assinatura, sem nenhuma limitação.



EXPERIÊNCIA

Após a exposição de alguns conteúdos, apresentamos o vídeo durante a aula. Após o vídeo, fizemos alguns questionamentos aos alunos sobre alguns dos elementos presentes no vídeo. Como cada experiência nos permite desenvolver melhor nossas ideias e projetos, compreendemos que tal produção seria, por exemplo, mais bem aproveitada se transmitida no início da aula, junto a uma ficha de anotações com provocações elaboradas pelo(a) professor(a), a serem identificadas no vídeo e após a finalização do mesmo, debatidas com a turma.



RETRATO



Fonte: <https://youtu.be/5G9FivftMSw>

COMO FAZER?

Vídeo-Aulas para as Aulas de História



CENÁRIO

A aula foi realizada com o 9ºAno B, da Escola Municipal Olindina Monteiro de Oliveira França, em Recife, na Plataforma GoogleMeet. O conteúdo selecionado foi "A Cultura na Era Vargas". Em virtude da realização de aulas em plataformas digitais, percebemos que alguns alunos não puderam participar pelas dificuldades de acesso a aparelhos celulares e internet.



DESAFIO

Ministrando aula remota, diante desse cenário de pandemia, percebemos que está impõe dois desafios para os estudantes, primeiro a questão do acesso as plataformas digitais, segundo, as dificuldade de concentração e de conseguir acompanhar o que está sendo exposto. A expectativa da aula era quebrar a imagem da história ser uma disciplina pouco envolvente para alunos, associada à memorização de nomes e datas. Para isso buscamos utilizar de uma abordagem cultural para despertar nos alunos o interesse em aprender história.

INSPIRAÇÃO

A ideia de produzir uma vídeoaula teve como inspiração alguns canais do youtube que produzem conteúdos sobre temáticas históricas e que muitas vezes não abordam o tema de forma adequada. Com uma linguagem acessível e recursos didáticos, a vídeoaula representa uma boa ferramenta para a sala de aula, possibilitando uma maior interação e interesse por parte dos alunos.



PROTÓTIPO

O produto elaborado foi uma vídeoaula, com duração de 5 minutos e título: "Cultura na Era do Rádio", que aborda as manifestações culturais desenvolvidas durante a Era Vargas. O produto tem como roteiro: Uma contextualização histórica da época, apresentando aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais; e a apresentação de alguns produtos e programa que foram transmitidos pelas emissoras de rádio da época. Através da utilização de um conjunto de fontes, como jornais, propagandas, músicas, fotografias, o produto oferece um recorte cultural, focando na influência do rádio e demais expressões culturais, da Era Vargas. Link do produto: <https://www.youtube.com/watch?v=cormviem9Z4>

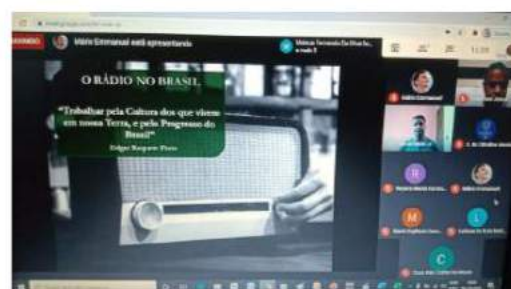
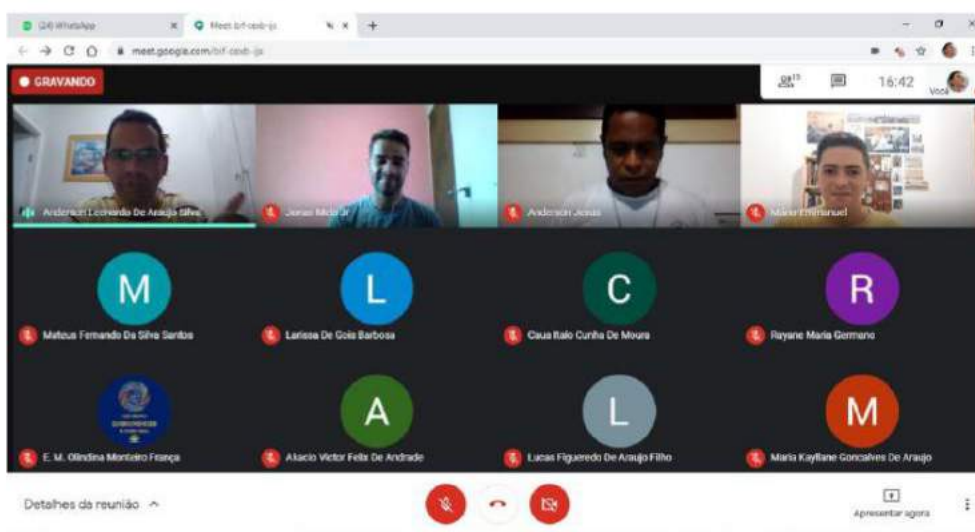
AUTORES: ANDERSON BEZERRA DE JESUS, JONAS CLEVISON PEREIRA DE M. JÚNIOR E MÁRIO EMMANUEL DE OLIVEIRA RAMOS.

EXPERIÊNCIA

Inicialmente houve um momento de apresentação, seguido da exibição do produto elaborado, da discussão do conteúdo, e um momento final reservado para comentários e perguntas. Durante a aula a turma se manteve atenta à discussão, demonstrando surpresa às diante das informações apresentadas, fazendo comentários e questionamentos sobre o conteúdo exposto. No momento final da aula os alunos apresentaram opiniões tanto sobre o assunto apresentado quanto à dinâmica da aula.



RETRATO



Comentários de Alunos:

O ruim dessa aula é que ela acaba 😞

Professor?
Trás esses professores mais vezes

Fonte: Acervo Pessoal

COMO FAZER?

Vídeo sobre a Modernização do Brasil no Século XIX



CENÁRIO

Material produzido para duas turmas do 7ºAno, de uma escola particular de Paulista, uma de 25, outra de 12 alunos. Para os encontros foi utilizada a Plataforma Google Meet. A turma maior, mesmo mais pessoas interagiu menos com os professores, sendo a turma menor mais participativa.



DESAFIO

O professor supervisor sugeriu que produzíssemos um material lúdico que servisse de consolidação dos conhecimentos construídos durante a aula síncrona.



INSPIRAÇÃO

O professor supervisor trouxe a ideia que foi bem recebida pelos estagiários. A ideia de criar um material lúdico, mais leve, que servisse de apoio para a consolidação do conhecimento construído nas aulas expositivas.



PROTÓTIPO

As aulas, assim como o vídeo, se valem dos personagens do Barão de Mauá e do Conde da Boa Vista, e como os mesmos tentaram "modernizar" seu país com base nas experiências que ambos tinham vivido quando foram a Europa, Irineu através de uma ótica industrial inglesa e Francisco sobre uma lente da cultura francesa.

Para que estes personagens pudessem ser discutidos foi reavivado o passado do Brasil e seus ciclos econômicos, a conjuntura política internacional à época e qual seria o conceito de modernidade para os brasileiros do século XIX, mostrando o quão dependente do contexto histórico estas conceituações podem ser.



EXPERIÊNCIA

O professor sugeriu que trabalhássemos com um vídeo no estilo de Castelo Rá-Tim-Bum, porém complicações não previstas na hora da edição e renderização impossibilitaram o planejamento inicial, mudando a estrutura do vídeo, que acabou sendo uma narração ilustrada dos acontecimentos trabalhados nas aulas.



RETRATO

Modernização, um sonho?

tentativas de modernização no século 19

Docentes: Arthur Feller

Mateus Santiago



Fonte: <https://youtu.be/I35ksIRDkA4>

PARTE III
FAKE NEWS COMO
OBJETO DE DEBATE NAS
AULAS DE HISTÓRIA

A DITADURA MILITAR BRASILEIRA (1964-1985) NOS TEMPOS DE NEGACIONISMO E FAKE NEWS

Reflexões a partir de Experiências do Estágio Supervisionado em História

INTRODUÇÃO – O presente artigo visa relatar sobre as experiências vividas na disciplina de Estágio Supervisionado Obrigatório III e Metodologia do Ensino de História ofertada pelo curso de Licenciatura em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Todas as esferas do ensino foram suspensas presencialmente diante da pandemia do vírus COVID-19 que assola o planeta, por conta disso, nossas experiências se deram através da modalidade remota de ensino pela plataforma do Google Meet. A instituição de ensino básico que nos acolheu foi a Escola Municipal Octávio de Meira Lins localizada no bairro de Vasco da Gama em Recife – PE, acompanhados do professor de História Henrique Nelson, ficamos responsável pelas turmas do 9º ano. Nossa intervenção, a priori, foi problematizar e destacar o período ditatorial brasileiro (1964-1985) em consonância com o universo das Fake News. Para isso, trabalhamos juntos aos estudantes as notícias falsas que circulam nas mídias digitais (WhatsApp, Instagram, Facebook), propondo uma mobilização acerca dos eventos ocorridos no período

citado que enfatizasse uma leitura crítica e objetiva das informações na internet.

Para realização do projeto de intervenção tivemos a disposição três momentos – um assíncrono e dois síncronos – com os estudantes da Escola Municipal Octávio de Meira Lins: 1) uma pesquisa por meio de formulário online; 2) debate sobre Fake News e Ditadura Militar; e, 3) oficina para confecção de memes. A utilização do formulário online nos permitiu compreender os conhecimentos dos estudantes sobre as notícias falsas que circulam na Web e também sobre o período escolhido em duas etapas. Na primeira parte do questionário nós perguntamos: se já tiveram contato com algum tipo de notícias falsas; por qual mídia digital eles tiveram; e, se sabiam o que significava o termo “Fake News”.

Em seguida, na segunda parte do questionário, colocamos quatro imagens sobre o período ditatorial brasileiro e pedimos que os estudantes escolhessem entre as alternativas “fake” ou “fato” para classificá-las. As imagens abordavam temáticas como o milagre econômico e a corrupção, bem como o cotidiano e a

AUTORES: DANIEL PEREIRA DE SOUZA FILHO, PAULO JOSÉ DE MELO LIMA, TAYLOR UCHÔA CAVALCANTI E VINÍCIUS CAVALCANTE MELO DE LIMA.

segurança dos brasileiros durante o período de vinte e um anos, entre 1964 e 1985. Já no primeiro encontro síncrono nós retornamos às questões iniciadas pelo formulário, a partir das conversas iniciais proporcionadas pela plataforma Google Meet, podemos perceber que, analisando o formulário, a maioria dos estudantes já haviam tido contato com algum tipo de Fake News; isso nos abriu a possibilidade de começar um diálogo acerca dos perigos que estes tipos de informação poderiam causar. Além disso, foi interessante também a abertura dos estudantes para questões ligadas a Ditadura Militar, pois, fizemos uma abordagem introdutória sobre as possíveis contradições que as Fake News poderiam causar no que diz respeito ao tema.

Em nosso último momento, como produto, realizamos uma oficina para entender e construir memes, não apenas sobre a Ditadura Militar, mas sim, sobre qualquer outro tema histórico ou de relevância. A participação dos alunos foi de suma importância, porque dependíamos deles para o êxito de nossa atividade, dessa maneira, antes de pôr mãos à obra, nós levamos alguns memes tanto como uma forma de divertimento quanto como forma de quebrar o silêncio – e, felizmente, resultou na participação da maioria dos envolvidos. Conceber um entendimento sobre a utilidade dos memes dentro das redes sociais também possibilitou aos estudantes compreenderem um pouco mais dos processos ligados a viralização de notícias falsas.

INSPIRAÇÃO – O termo “pós-verdade” foi escolhido como palavra do ano pelo dicionário de Oxford¹, em 2016, naquele período o mundo acompanhou dois acontecimentos importantes: Donald Trump eleito presidente dos Estados Unidos e também a saída do Reino Unido da União Europeia (Brexit). Estes eventos – podemos acrescentar as eleições de 2018 no Brasil – ficaram conhecidos por um novo estilo de campanha cujo os fatos objetivos são menos influentes na opinião pública do que as emoções e crenças pessoais, ou seja, que no debate político a verdade não foi mais importante do que ganhar a discussão.

As mídias digitais tiveram um papel de destaque para que isso se tornasse possível, pois, através delas a informação é distribuída horizontalmente e de modo fragmentado, nesse sentido, ocorreram “algumas importantes modificações nos processos de difusão e apropriação da informação” (MENEZES, 2020, p. 45). Como aponta pesquisadora Sônia Menezes (2020), mais do que um falseamento, tem-se nesse fenômeno um movimento de articulação que abrange dados corretos e acontecimentos às interpretações subjetivas e manipulações mal-intencionadas de conteúdos e informações.

O Grupo de Pesquisa DISCURSO (Discurso, Redes Sociais e Identidades Sócio-Políticas) compara o ambiente das mídias sociais com o pandemônio: a capital imaginária do inferno habitado por demônios e escravos, um local com muita gritaria, confusão e agitação, um sistema descentralizado e adaptativo que antecipa

1 Cf.: HANCOCK, Jaime Rulio. Dicionário de Oxford dedica sua palavra do ano, ‘pós-verdade’, a Trump e Brexit. **El País**, 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/16/internacional/1479308638_931299.html.

o movimento dos inimigos. Assim, se configuram as mídias digitais que controla humanos tolos e máquinas inteligentes utilizando-os como arma para uma guerra ideológica e de informação². O “bolsonarismo”, por exemplo, não inventou as Fake News como prática política, no entanto, se apropriou desta tática com potência³. E mais, tal movimento no Brasil dispõe de um “exército de militantes” para potencializar suas afirmações nas redes sociais ao mesmo tempo que desqualifica e descredita qualquer mediação de político, professor, intelectual, jornalista, entre outras profissões que conteste às suas ações.

Outro aspecto importante sobre as mídias digitais é que elas desafiaram e/ou agregaram aos grandes conglomerados da mídia tradicional (imprensa e televisão) e sua comunicação voltada às massas. No tempo presente, verificamos que a informação circula em rede, de pessoa para pessoa, cujo papel da mídia tradicional impulsionou a polarização na esfera pública, porque em vez de promover um debate, gerou embate entre narrativas pré-estabelecidas. Por outro lado, a função desempenhada pelas mídias digitais foi de produção e divul-

gação de discursos de cunho negacionista, demonstrando que opiniões norteadas por valores religiosos, ideológicos e até mesmo por ressentimento são colocadas no mesmo horizonte de legitimidade que informação e conhecimento científico⁴.

O historiador Rodrigo Patto Sá Motta (2020) afirma que a massificação das mídias digitais permitiu a formação e ampliação de movimentos negacionistas ou divulgadores de notícias falsas, expressando uma revolta contra o establishment acadêmico. Grupos como “Brasil Paralelo” e indivíduos como Olavo de Carvalho estão constantemente atacando o saber escolar e acadêmico pelas razões citadas acima, aperfeiçoando o uso dessas novas ferramentas de comunicação para lutar contra esses saberes e divulgar suas opiniões⁵. Tais ataques têm por objetivo manifesto impor sentidos únicos e também autoritários tanto para a História quanto à vida, porque o negacionismo rejeita a possibilidade de diálogo e só assim são capazes de apagar e/ou silenciar a factibilidade do passado. Além disso, a negação do passado equivale a negação do presente, pois, se nenhum processo histórico causou os problemas contempo-

2 Cf.: GRUPO de Pesquisa DISCURSO. As mídias, a reprodução dos discursos negacionista e científico e a reconfiguração política em curso (artigo). **Le Monde – Diplomatieque Brasil**, 2020. Disponível em: <https://diplomatieque.org.br/as-midias-a-reproducao-dos-discursos-negacionista-e-cientifico-e-a-reconfiguracao-politica-em-curso/>.

3 Cf.: PASQUINI, Patrícia. 90% dos eleitores de Bolsonaro acreditaram em fake News, diz estudo. **Folha de São Paulo**, 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/11/90-dos-eleitores-de-bolsonaro-acreditaram-em-fake-news-diz-estudo.shtml>. Acesso em: 08 Jan 2021.

4 GRUPO de Pesquisa DISCURSO, op. cit.

5 Para se ter noção de como os citados agem recomendamos analisar: BRASIL Paralelo. 1964 – O Brasil entre armas e livros. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yTenWQHRPIg>. Acesso em: 08 Jan 2021; e para reflexão: BUGALHO, Henry. O golpe de 1964 e a reescrita da história do Brasil. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opiniaio/o-golpe-de-1964-e-a-reescrita-da-historia-do-brasil/>. Acesso em: 08 Jan 2021.

râneos: ou o presente é resultado de simples ações individuais ou consequência de talentos inatos⁶. Logo, os ataques aos saberes não indicam um desejo legítimo de revisão do conhecimento histórico, mas sim, o encerramento em categorias de verdade que não admite contestações por causa de seu caráter absoluto.

Enquanto futuros professores de História, nós acreditamos ter a responsabilidade de desmistificar crenças relacionadas a memória coletiva através do discurso racional e auxiliar na formação de consciência histórica e memórias dos nossos contemporâneos, ao mesmo tempo que construímos uma cultura comum. Para tanto, entendemos que em nossa prática de Estágio deveríamos trabalhar no estabelecimento de um raciocínio lógico para a construção do saber e para a descoberta do conhecimento científico, portanto, não poderíamos negligenciar a forma de aprendizagem dos jovens no processo de construção de noções e conceitos. Como afirma a historiadora Flávia E. Caimi (2006, p. 21), “a aprendizagem poderá ficar menos qualificada, se o professor desconsiderar os pressupostos e os mecanismos com que os alunos contam para aprender e os contextos sociais em que estas aprendizagens se inserem”.

o realizar uma oficina de memes, nós esperávamos construir um universo para que os estudantes pudessem desmistificar personagens estranhos, com tramas complexas e conceitos difíceis, muitas vezes oferecidos pelo livro didáti-

co. Assim como Caimi, compreendemos que ter consideração sobre o universo dos jovens não significa “abdicar do rigor intelectual ou do valor do conhecimento histórico, mas garantir que a apropriação deste conhecimento ocorra permeada de sentido e significado, resultando em sólidas aprendizagens” (CAIMI, 2006, p. 24). Tentamos demonstrar que são mundos conciliáveis.

Além disso, o momento pandêmico pelo qual estamos atravessando, nos fez refletir sobre o significado de aproveitamento do tempo escolar, nesse sentido, tentamos possibilitar metodologias participativas e diálogos, compreendemos que esse tipo de participação colabora para que os estudantes exponham seus pensamentos e também possam concordar ou contrapor outros. O conhecimento deve ser apreendido pelas crianças como resultado de uma interação com o meio físico, social e simbólico, cujo sujeito é sempre elemento ativo nesse processo que busca assimilar o mundo e suas interrogações.

RESULTADOS E DISCUSSÕES – O formulário, intitulado “O universo das notícias falsas (Fake News)”, abrangeu, primeiramente, o contato inicial dos alunos com esse ambiente das diversas notícias. Ao todo, tivemos contabilizadas 15 interações com respostas no formulário-guia, o que, em nossa avaliação, foi uma atividade que conseguimos obtenção de êxito. Interessante destacar que no formulário

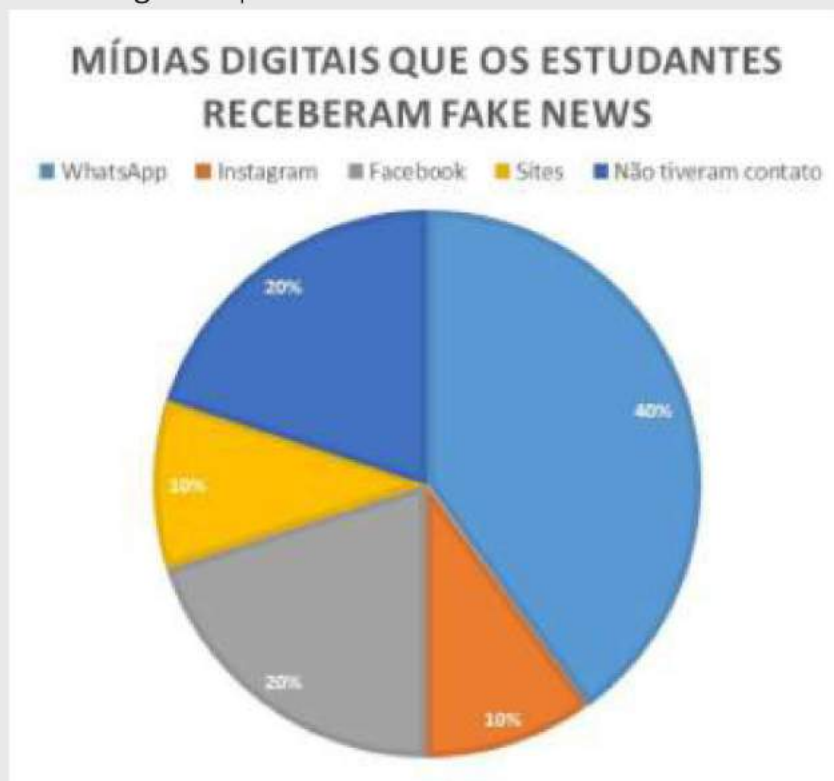
6 Cf.: AVILA, Arthur de Lima. Qual passado usar? A historiografia diante dos negacionismo (artigo). **Café História** – história feita com cliques, 2019. Disponível em <https://www.cafehistoria.com.br/negacionismo-historico-historiografia/>.

não pedimos a identificação dos estudantes, justamente a fim de preservar suas identidades e suas respostas.

As perguntas, em ordem que se segue, foram: 1) “Você já teve contato com Fake News? ”; 2) “Se sua resposta anterior foi ‘sim’, por onde você recebeu? ”; 3) “Você sabe como funciona uma Fake News? Se sua resposta for sim, explique! ”. Nesse primeiro momento, foi destacado a participação deles com o formulário e suas respostas. Pudemos perceber que para a primeira pergunta, o resultado foi balanceado: 46% das respostas dos estudantes foram “Não” e 53% “Sim”. Já, para a questão seguinte, tivemos um leque maior de respostas; sendo o Whats

App o principal meio de recebimento das notícias falsas com 40% do total das repostas (Figura 1). Diferentemente das duas perguntas anteriores, a terceira envolveu uma dinâmica de resposta diferente, pois queríamos a participação efetiva dos estudantes e, por isso, não colocamos questão assertivas. Os feedbacks foram os mais variados possíveis, entretanto alguns nos chamaram atenção, como por exemplo: “Sim, bom consiste na distribuição deliberada de desinformação ou boatos via jornal impresso, televisão, rádio ou ainda online, como nas mídias sociais”⁷. Para preparação do nosso primeiro encontro síncrono, seguimos a lguns pas-

Figura 1 - O universo das notícias falsas (Fake News) - Mídias Digitais que os estudantes receberam Fake News



Fonte: Acervo Pessoal.

⁷ A fim de preservar o anonimato do autor da resposta, reiteramos que não coletamos nomes nem dados dos alunos. Além disso, o professor Henrique Nelson nos alertou que os estudantes tinham dificuldade para utilizar os e-mails, sobretudo, por não ser uma prática comum.

⁸ Este gráfico foi elaborado a partir das respostas obtidas com o formulário que criamos para o encontro assíncrono intitulado “O universo das notícias falsas (Fake News).”

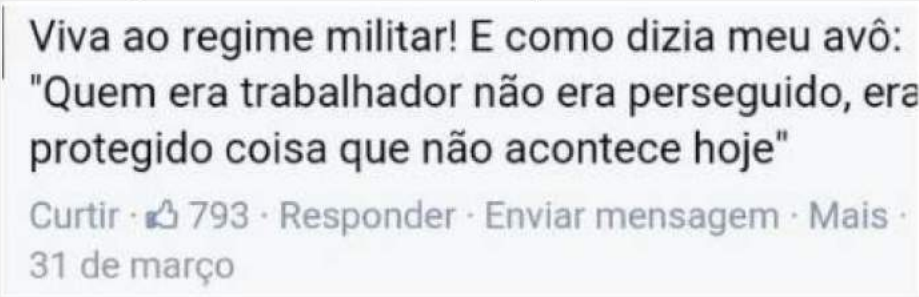
sos de uma aula expositiva como, por exemplo: elencar e ordenar todos os tópicos que queríamos abordar naquele momento específico, estabelecendo início, meio e fim. Também pensamos na contextualização e aplicabilidade das informações, nesse caso, demos ênfase às Fake News, no cotidiano escolar e familiar; e, por último, mas não menos importante, o exercício metodológico de testagem da aula, que ocorreu antes do encontro síncrono.

Nos guiando pelas informações obtidas através do formulário, construímos provocações para a aula inicial, enfatizando questões relacionadas tanto ao período ditatorial (1964-1985) quanto às notícias falsas, além de como esses dois temas se entrelaçavam. Dessa forma, para além das questões de apresentação geral do nosso projeto, introduzimos indagações mais amplas do nosso debate, como a exposição de características e influências nas diversas camadas sociais durante o governo militar. Criamos também um debate sobre o processo que culminou na supressão de direitos por parte dos militares. As respostas, muitas vezes tímidas e com poucas palavras, nos mostraram o caminho a ser percorrido

nesse primeiro encontro síncrono, em que nós resolvemos trazer essa contextualização e explicação, porque percebemos a necessidade, a priori, de mapear e se inteirar dos debates intraescolar que eram feitos.

Já a segunda etapa do nosso formulário continha perguntas sobre o período ditatorial vivido no Brasil com a finalidade de saber o que os estudantes consideravam “fato” ou “fake” por meio de apresentação de imagens. A dinâmica do “fato ou fake” nos possibilitou uma noção dos conhecimentos prévios que eles tinham, auxiliando também na estruturação dos encontros síncronos que se seguiram. Para tal dinâmica definimos dois temas: sobre o ideário de corrupção e de segurança pública que havia entre 1964 e 1985 (Figura 2)⁹; a partir dessas temáticas construímos um debate bastante produtivo no que diz respeito as liberdades civis e todos o contexto de cerceamento imposto pelos Atos Institucionais – que retomaremos adiante. As atividades realizadas na terceira etapa do projeto foram desenvolvidas com o objetivo de positivar o uso dos *memes* de internet. Buscamos produzir uma oficina focada na produção de *memes* históricos e

Figura 2 - Só foi torturado quem era terrorista



Viva ao regime militar! E como dizia meu avô:
"Quem era trabalhador não era perseguido, era protegido coisa que não acontece hoje"

Curtir · 🍷 793 · Responder · Enviar mensagem · Mais ·
31 de março

Fonte: 5 "fake news" sobre Ditadura Militar. Disponível em: <https://ubes.org.br/2020/5-fake-news-sobre-a-ditadura-militar-brasileira/>. Acesso em: 08 Jan 2021.

⁹ Esta imagem foi recortada para preservar a identidade da pessoa que fez o comentário na rede social.

com propósitos educativos, uma vez que a proposta do projeto não é demonizar as ferramentas digitais de comunicação, mas sim, tirar proveito de um veículo que está presente no cotidiano de alunos e professores. Para tanto, a oficina foi dividida em três etapas principais: 1) a definição do termo meme; 2) a exposição de exemplos de memes históricos e; 3) a etapa de construção de memes pelos estudantes.

Durante a etapa de planejamento, definimos que o projeto deveria promover à interação e as habilidades argumentativas dos estudantes a partir dos temas que estão diretamente relacionados (Ditadura Militar no Brasil e Fake News) na tentativa de elucidar informações, depois problematizando o papel das falsas notícias no processo de disseminação de conteúdos de negacionismo histórico na internet. Por fim, divulgamos mecanismos e métodos de verificação da veracidade das informações que são recebidas e compartilhadas através das redes sociais. Nesse sentido, a parte final do projeto, teve como foco incentivar os estudantes a participarem da produção de memes que pudesse contribuir para divulgação de informações construtivas e com embasamento científico na internet.

Mas, para que os estudantes pudessem construir memes, antes era necessário ajudá-los a compreender seu funcionamento e expor alguns exemplos, que serviriam de inspiração para a construção da oficina. Por isso, a primeira etapa da oficina envolveu uma breve discussão sobre a capacidade dos memes de provocar reflexões, alusões e um sen-

timento de familiaridade nos espectadores; bem como explicamos que o caráter sintético e instantâneo desses conteúdos contribui para que sejam informações de fácil compartilhamento. Tais explicações foram importantes para que os alunos pudessem compreender quão simplificadas precisam ser as argumentações presentes no meme, e que grande parte das sensações e reflexões proporcionadas por ele está relacionado ao diálogo que provoca entre essas premissas e as nossas experiências e saberes adquiridos na vida cotidiana ou na própria internet.

Para demonstrar como essa ferramenta tem capacidade de promover diálogos e analogias sobre a vida cotidiana e processos históricos, nós utilizamos algumas publicações do perfil do Instagram, chamado “História no paint”¹⁰. Seguindo o fio condutor do nosso projeto (a propagação de Fake News sobre a Ditadura Militar), nós fizemos uma seleção de postagens relacionadas ao tema, para demonstrar como é possível abordar os conteúdos históricos de forma divertida e instrutiva, sem propagar negacionismos e informações falsas (Figura 3).

10 O perfil está disponível em: <https://www.instagram.com/historianopaintoficial/?hl=pt-br>.

Figura 3 - Meme sobre a Ditadura Militar. História no Paint



Fonte: Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CCRIZFWMrGF/?igshid=p4irfe7q4dy8>. Acesso em: 08 jan. 2021.

A terceira etapa da nossa oficina consistiu na produção de memes combatendo o negacionismo sobre a ditadura em parceria com os estudantes. Para tal, utilizamos o aplicativo de celular Meme Generator11, que possibilita a criação de memes, pois possui os mais variados modelos e nos permite inserir os textos de maneira livre e prática12. Apesar das dificuldades que enfrentamos para possibilitar a participação de todos na oficina, os estudantes demonstraram interesse e contribuíram para a produção dos memes dando ideias e montando os seus (Figura 4).

Diante disso, foi possível perceber na prática, o potencial de engajamento que

Figura 4 - Meme sobre a Ditadura Militar elaborado por estudantes



Fonte: Acervo Pessoal.

os memes geraram na divulgação de conteúdos históricos e educativos, uma vez que os estudantes tiveram de se apropriar de temas como: corrupção, economia e segurança pública no período ditatorial brasileiro para, conseqüentemente, construir frases e diálogos que pudessem ser aplicados de forma coerente as situações propostas nas imagens que serviram de base para os memes. Enfim, a atividade contribuiu para incentivar a atuação dos estudantes enquanto divulgadores de informações cientificamente embasadas e sujeitos aptos a combater Fake News, teorias conspiratórias e as demais formas de negacionismo dos saberes escolares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS – À vista disso,

11 O aplicativo está disponível em: https://play.google.com/store/apps/details?id=com.zombodroid.MemeGenerator&hl=pt_BR&gl=US.

12 Durante o período de planejamento da oficina consideramos a hipóteses de que nem todos os estudantes tivessem acesso a smartphones, por isso, compartilhamos o link do aplicativo com aqueles que pudessem usar e construímos alguns memes pedindo sugestões aos estudantes que não tinham possibilidade de acesso.

podemos destacar alguns pontos abordados anteriormente, mas, sem fazer uma teorização analítica dos mesmos. Em primeiro lugar, a elaboração do formulário nos proporcionou um acesso aos conhecimentos prévios dos estudantes com relação à problemática acima referida. Por isso, é de suma relevância que esses conhecimentos possam fazer parte da atuação dos professores durante o seu planejamento de aula.

Da mesma forma apontamos que é possível conciliar a linguagem digital com o conhecimento histórico científico, destacando os sujeitos como elementos centrais da propagação do conhecimento. A interação proporcionada pelas redes sociais nos forneceu um modo de operacionalizar estratégias de aprendizagens dentro da sala que fugissem da maneira tradicional de ensino, geralmente marcado pelo uso exclusivo do livro didático e da exposição verbal.

Por outro lado, o estudo das esferas de um problema histórico (Ditadura Militar) em consonância com as Fake News, possibilitou uma forma alternativa de aprendizagem. Ao compreender os principais elementos que compõe a produção de notícias falsas (negacionismo, distorção da realidade e teorias conspiratórias) e ferramentas de verificação (sites de confiabilidade, de checagem e confronto de informações) os estudantes se apropriaram de mecanismos de combate às informações duvidosas na Web. Isso contribui para a prática de ensino-aprendizagem, porque se cria uma distinção entre informações não confiáveis e verdades históricas.

Portanto, conforme os dados apresentados, fomos guiando a discussão a fim de desmistificar alguns mitos e reiterar algumas análises históricas sobre o período. Ademais, em nossos encontros síncronos, conseguimos sentir a receptividade da turma e, à medida em que nossa conversa fluía, sentimos a necessidade de deixar um produto que contribuísse para a construção de um senso crítico. Dessa forma, optamos pela elaboração de uma oficina voltada à criação de memes que contribuiu para promover uma leitura objetiva dos estudantes em relação aos conteúdos digitais visando o combate às Fake News.



REFERÊNCIAS

AVILA, Arthur de Lima. **Qual passado usar?** A historiografia diante dos negacionismo. 2019. Disponível em <https://www.cafehistoria.com.br/negacionismo-historico-historiografia/>. Acesso em: 08 jan 2021.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

CAIMI, Flávia Eloisa. Por que os alunos (não) aprendem História? Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores em História. **Tempo**, Niterói, v. 11, n. 21, pp. 17-32, jun. 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-77042006000200003>. Acesso em: 08 jan 2021.

COSTA, Marisa Vorraber. Paisagens Escolares no Mundo Contemporâneo. In: SOMMER, Luís Henrique; BUJES, Maria Isabel Edelweiss (org.). **Educação e Cultura Contemporânea**. Canoas: Ed. ULBRA, 2006, pp. 177-195.

ELLSOWTH, Elizabeth. Modos de Endereçamento: uma coisa de cinema, uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito**. São Paulo: Autêntica Editora, 2001, pp. 07-76.

GRUPO de Pesquisa DISCURSO. **As mídias, a reprodução dos discursos negacionista e científico e a reconfiguração política em curso**. 2020. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/as-midias-a-reproducao-dos-discursos-negacionista-e-cientifico-e-a-reconfiguracao-politica-em-curso/>. Acesso em: 08 jan 2021.

HANCOCK, Jaime Rulio. **Dicionário de Oxford dedica sua palavra do ano, 'pós-verdade', a Trump e Brexit**. 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/16/internacional/1479308638_931299.html. Acesso em: 20 fev 2021.

KLEN, Bruna; PEREIRA, Mateus H. de Faria; ARÚJO, Valdei L. de (org.). **Do fato ao fake (des)atualizando Bolsonaro**. Vitória: Milfontes, 2020, pp. 29-55.

AS FAKE NEWS NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Como as Crianças Recebem as Notícias Falsas sobre o Comunismo no seu Cotidiano

INTRODUÇÃO – Diante de uma situação de excepcionalidade, causada pela pandemia da Covid-19, que paralisou as aulas no formato presencial, afetou os calendários das instituições de ensino e impossibilitou a realização habitual das dinâmicas dos componentes curriculares de natureza teórico-prática, o relato que iremos apresentar pretende explicitar a experiência vivenciada no componente curricular Estágio Supervisionado III – História, no período letivo excepcional 2020.4, da Universidade Federal Rural de Pernambuco. O impedimento da presencialidade não inviabilizou a realização das atividades escolares, mas impôs diversas mudanças, como a substituição do ensino presencial pelo ensino remoto, a modificação no formato de contabilizar as presenças nas aulas e a maior necessidade de utilizar os diversos recursos tecnológicos disponíveis.

Assim como as aulas precisaram ser ajustadas, para vivenciar o contexto imposto pela necessidade de distanciamento social, as intervenções padrões do estágio em licenciatura precisaram ser substituídas por novos modelos. Ao invés de um longo período de análise, criação de um projeto de inter-

venção, e de prática, a realidade do apertado calendário encurtou as etapas, disponibilizando poucos encontros para observar, elaborar um plano de intervenção e produzir um material audiovisual. Como consequência dessa conjuntura, a proposta do componente curricular Estágio Supervisionado III – História, propôs um caminho de observação-participação da trajetória do professor e a produção de um material didático-pedagógico, que estivesse relacionado ao tema das fake news e do negacionismo. Com a iminência do início das férias escolares das escolas de Ensino Fundamental Anos Finais da Prefeitura do Recife, houve a necessidade de adaptar o tema do material produzido, para relacionar-se com o tema que estava sendo estudado em sala, passando a refletir sobre as fake news relacionadas ao comunismo.

O relato que segue, portanto, abordará as experiências do estágio em Licenciatura em História, realizada no Período Letivo Excepcional 2020.4 da UFRPE, realizada na Escola Municipal Olindina Monteiro de Oliveira França, localizada no bairro de Dois Unidos, cidade do Recife, com a turma do 8º ano do Ensino Fundamental.

**AUTORES: JOÃO PAULO FREITAS DA SILVA, JOSÉ CORDEIRO DOS SANTOS NETO E
LUCIANA LIMA DE ANDRADE BARBOSA.**

Todas as atividades aconteceram com o acompanhamento do professor supervisor, Anderson Leonardo de Araújo Silva, professor de história da escola, bem como com o acompanhamento da professora orientadora do estágio, Juliana Alves de Andrade.

O objetivo da nossa intervenção foi trabalhar o conceito de fake news com os alunos, apresentando também maneiras para que eles pudessem identificá-las nas constantes notícias que eles recebem todos os dias, através da pesquisa em sites qualificados e entre outros meios. Também buscamos fazer com que eles percebessem os impactos negativos que as fake news causam na sociedade, principalmente pelo seu compartilhamento desenfreado que faz com que uma mentira acabe se tornando verdade. O foco da aula foi também mostrar como as fake news não são algo novo no mundo, mentiras ou informações incompletas sempre estiveram presentes na nossa sociedade, exemplificamos isso através de notícias contra o movimento comunista que entraram em circulação durante a Ditadura Militar no Brasil, criando um ambiente de terror anticomunista no país. A primeira etapa de nossa experiência aconteceu no dia 08 de janeiro de 2021, com uma reunião com o professor Anderson Leonardo, onde organizamos o calendário e fomos informados sobre a realidade da escola e da turma. No dia 12 de janeiro, participamos da aula de história da turma do 8º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Olindina Monteiro de Oliveira França, através da plataforma Google Meet. Durante a aula, com duração de 40 minutos, o professor abordou o século XIX, tratando sobre temas como os processos de independên-

cia na América, o Nacionalismo e o Comunismo. Nos dias seguintes, preparamos um planejamento para o produto didático-pedagógico, em formato de aula.

Nossa atividade foi realizada no dia 19 de janeiro de 2021, no período das 14h30 às 15h, com a já mencionada turma, contando com a presença de três alunos, mas apenas dois participaram verbalmente da experiência. O tema da aula foi O Comunismo e as fake news: de 1964 aos dias atuais, que foi escolhido – o comunismo – por ter sido um assunto que o professor da turma deu início na aula anterior. O método escolhido para a realização da atividade foi uma aula expositiva, com o auxílio de um recurso visual em forma de slide, que continha as perguntas norteadoras da aula e as imagens explicativas; através das imagens foi possível realizar uma dinâmica com os alunos para que respondessem algumas perguntas. A aula iniciou com um breve questionamento aos alunos sobre as fake news com as seguintes perguntas: O que são fake news? Como as fake news chegam até vocês? Que tipo de fake news é mais conhecida por vocês? Quais os efeitos das fake news em seu cotidiano? Para essas perguntas obtivemos respostas bastante satisfatórias. As duas alunas que participaram respondendo nossas perguntas pareceram conscientes do assunto tratado souberam responder o que era “notícias falsas”; como recebiam “por mensagem ou Google, ou qualquer outro tipo de rede social”, e o WhatsApp que também foi citado; que tipo mais conheciam “a da vacina, quem tomar vai virar jacaré”; mas sobre o impacto em seu cotidiano não souberam identificar.

Figura 1 - Perguntas norteadoras da atividade presentes no slide

1. O que são fake news?
2. Como as fake news chegam até vocês?
3. Que tipo de fake news é mais conhecida por vocês?
4. Quais os efeitos da fake news no seu cotidiano? —

Fonte: Acervo Pessoal.

A partir daí seguiu-se uma explicação teórica sobre as fake news, o que eram, qual o objetivo, quem as criava e porque, as fake news na história e seus impactos sociais. Tendo essa base teórica adentramos ao conteúdo da aula que foi o comunismo no Brasil no período de 1964 até os dias atuais, trabalhado através de imagens que representavam as fake news ao longo da história, desde publicações impressas durante a ditadura sobre o combate contra o comunismo, até os memes compartilhados atualmente.

Enquanto apresentamos as imagens pudemos explicar de forma mais clara a sua composição, o interesse por traz de cada uma, o porquê de não serem verdadeiras e a forma de identificá-las. Passados esses exemplos onde os alunos puderam ver como eram apresentadas as fake news (figura 2 e 3), sua estrutura e elaboração demos início a parte da aula em que foram apresentadas imagens (figura 4) com notícias e informações e os alunos deveriam identificar se eram ou não fake news.

Figura 2 - Perguntas norteadoras da atividade presentes no slide



Fonte: Parlamentarismo Imperial: Comunismo. Disponível em: <http://parlamentarismoimperial.blogspot.com/2017/10/comunismo.html>. Acesso em: 14 jan. 2021.

Figura 3 - Fake News sobre Comunismo nas redes sociais



Fonte: Disponível em: <https://pbs.twimg.com/media/Dyj7ybwX0AMWk5U.jpg>. Acesso em: 14 jan. 2021.

Tivemos bons resultados, as alunas participaram, respondendo se acreditavam naquelas notícias ou não, e em suas respostas podemos identificar sua consciência sobre o assunto, é claro que em algumas situações houve dúvidas, mas em sua maioria elas souberam identificar as notícias falsas, o que para nós foi bastante satisfatório.

INSPIRAÇÃO - As notícias falsas, também chamadas pelo termo em inglês fake news, são um problema muito debatido na atualidade, mas que podem ser encontradas em diversos períodos da humanidade. Elas não são um fenômeno novo, mas tiveram um crescimento muito grande em sua propagação, em especial na última década, por causa dos novos meios de divulgação disponíveis, em especial as redes sociais, e o potencial de influência na sociedade que elas adquiriram.

Figura 4 - Fake News sobre Comunismo nas redes sociais



Fonte: Disponível em: https://static.aosfatos.org/media/cke_uploads/2020/04/24/mascaras-contaminadas-da-china.jpg. Acesso em: 14 jan 2021.

Além de compreender essa mudança na sua forma de propagação, as notícias falsas começaram a sofrer com um problema de compreensão, já que muitos começaram a afirmar que uma notícia verdadeira era fake, na tentativa de justificar suas posições. Por isso, é importante compreender as fake news como “toda informação que, sendo de modo comprovável falsa, seja capaz de prejudicar terceiros e tenha sido forjada e/ou posta em circulação por negligência ou má-fé, neste caso, com vistas ao lucro fácil ou manipulação política” (FRIAS FILHO, 2018, p. 43).

Também é importante destacar que notícias falsas podem ser apresentadas como versões oficiais, defendidas pelo governo, apresentadas em mídias de

de grande circulação e até celebradas com datas históricas, como o que acontece no dia 13 de maio e a narrativa sobre a abolição da escravidão. Assim também aconteceu com o Comunismo, que foi apresentado por notícias falsas, divulgada em diversos meios de comunicação, durante o período do Golpe Militar de 1964 e seguiu sendo retratado falsamente por políticos e por uma parcela da sociedade brasileira, para defender seus interesses políticos, sejam nas eleições de 1989 e no Brasil pós-governo Dilma.

Durante o período que antecede ao Golpe de 1964, as elites brasileiras alimentavam um receio relacionado as mudanças que poderiam acontecer com os movimentos reformistas, que buscavam em processos como a reforma agrária e a reforma tributária, diminuir as desigualdades presentes no Brasil. Não era do interesse desses grupos uma mudança no seu status de superioridade, marcada pelo acúmulo de riquezas e de privilégios. Também não era interessante modificar os costumes da sociedade, pois eles eram determinados pelos costumes das elites tradicionais. Qualquer sinal de mudança nessa organização da sociedade representava um inimigo vendido como destruidor da ordem existente, criando um medo comum, que amedrontava a todos.

Nutriam um grande Medo de que viria um tempo de desordem e de caos, marcado pela subversão dos princípios e dos valores, inclusive dos religiosos. A ideia de que a civilização ocidental e cristã estava ameaçada no Brasil pelo espectro do comunismo ateu invadiu o processo político, assombrando as consciências (REIS, 2000, p. 27).

Sem compreender qual era a real proposta do comunismo, uma grande parte da população espalhava a mensagem do medo. Diversos anúncios eram publicados em cartazes e nos meios de comunicação, levando a mensagem do perigo para a sociedade que representava o comunismo, na sua tentativa de destruir com os costumes, especialmente os religiosos, e escravizar as pessoas, através das suas práticas políticas. Abaixo, podemos observar duas propagandas publicadas durante o período da Ditadura Militar, que reforçam essa imagem relacionada ao comunismo.

Figura 5 - Campanhas anticomunistas do período da ditadura militar



Fonte: 1964 "O Brasil não estava à beira do comunismo", diz historiador. Disponível em: <https://apublica.org/2019/04/1964-o-brasil-nao-estava-a-beira-do-comunismo-diz-historiador/>. Acesso em: 15 jan. 2021.

Figura 6 - Campanhas anticomunistas do período da ditadura militar



Fonte: Fonte: 1964 "O Brasil não estava à beira do comunismo", diz historiador. Disponível em: <https://apublica.org/2019/04/1964-o-brasil-nao-estava-a-beira-do-comunismo-diz-historiador/>. Acesso em: 15 jan. 2021.

Essa estratégia política, de buscar convencer pelo medo, a partir da disseminação de informações falsas, foi um método que não se mostrou exclusivo do período dos governos militares, sendo encontrada em diversas campanhas eleitorais, como nas eleições presidenciais de 2018. O discurso político adotado por Jair Bolsonaro, eleito presidente, e seus apoiadores, foi amplamente marcado por notícias falsas, desmentidas pelos principais órgãos de imprensa do mundo, pelo negacionismo científico, indo de encontro às pesquisas desenvolvidas, e pela propagação do medo.

Com falas que questionam as narrativas históricas, defendem a atuação militar durante o Golpe de 1964 e reforçam um estereótipo do comunismo, o bolsonarismo, nome que é dado para o movimento que é liderado pelo presidente, apresenta uma nova faceta da utilização das fake news.

Enquanto escrevo este texto a história se movimenta. Há sobressaltos, espanto, torpor; há vertigens. Alguns já projetam que algo mudou definitivamente na estrutura de nossas relações sociais, tanto na dimensão pragmática da vida, como na percepção de nossa realidade, a reboque, de nossa história. Mudou não apenas a escritura dos acontecimentos na cena pública, mas, especialmente, as formas como passamos a compreender suas narrativas e inscrições no tempo. Nossa sociedade parece ter mudado a relação com aquilo que denominamos de conhecimento histórico. Alterou-se também a maneira como seus profissionais, historiadores e historiadoras, passaram a ser percebidos: 'eles mentem', 'são doutrinadores', não contam a 'verdadeira' história; afirmações que se tornaram corriqueiras em nosso cotidiano. Estão nos programas de televisão; são postadas em redes sociais; pronunciadas por autoridades que questionam ou negam estudos já consolidados da historiografia brasileira. O atual presidente afirma que, 'temos que conhecer a verdade', que 'não houve ditadura'. Escutamos os gritos de uma audiência, muitas vezes raivosa, a nos dizer que a 'verdadeira história do Brasil ainda está por ser contada' (MENESES, 2020, p. 43-44).

Com consequências na atuação dos historiadores, dos pesquisadores e da grande mídia, essa configuração política também foi influenciadora do resultado

das eleições. O retorno do medo do comunismo, relacionado a todos os que se opunham ao bolsonarismo, foi propagado por lideranças religiosas, por partidos políticos e por uma elite repleta de privilégios. Diante dessa realidade, nossa prática de estágio buscou compreender como essas notícias eram recebidas pelos estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental, e se eles percebiam as consequências da propagação das fake news.

RESULTADOS E DISCUSSÃO - Foi para nós uma experiência incrível. Na semana anterior assistimos a aula de história da turma e tivemos a oportunidade de observar a dinâmica da aula online com crianças. Foi-nos informado anteriormente pelo professor que as aulas geralmente contavam com a presença de poucos alunos, cerca de três, e quando vimos a aula propriamente dita percebemos que realmente só três alunos estavam presentes na sala de aula virtual, no entanto só um participava ativamente da aula. Tal fato nos trouxe o questionamento “será que as crianças estavam realmente ali assistindo a aula, ou simplesmente deixavam a aula aberta e iam fazer outras coisas?” porque mesmo quando o professor fazia uma pergunta, as vezes não obtinha resposta, deixando sentimento de desconforto, por ver o professor ali falando sozinho. Além de ser o único com a câmera ligada, o que não permitia que visse seus alunos, a falta de interação gerava uma sensação de que ele falava sozinho, sem saber se estavam ou não presentes na aula.

Percebemos algumas diferenças, com relação ao modelo presencial. Mesmo que em algumas ocasiões os estudantes não tinham interação com o professor, ou por

não compreenderem o assunto, ou por não prestarem atenção, a presença em sala permitia que ele olhasse a turma, percebesse as dificuldades, existia uma interação, mesmo que mínima. Apesar do silêncio, estando no mesmo ambiente com os estudantes, é possível perceber suas expressões, as distrações, as dúvidas. O silêncio em sala tinha um significado para o professor. No ambiente virtual, essa realidade não é possível, o professor encontra-se sozinho, diante de câmeras desligadas, alunos em silêncio, sem interações no chat ou com o microfone ligado, sem poder olhar os estudantes, sem saber quem realmente estava ou não na sala. A falta de respostas para algumas perguntas, o silêncio em diversos momentos da aula, no ambiente virtual, deixa a impressão de que o professor fala sozinho.

É uma realidade muito complexa, porque além de trazer certa tristeza ao professor, por não ser ao menos reconhecido pelos alunos, apresenta outro problema, o professor prossegue com o conteúdo programado, partindo do pressuposto que seus alunos estão ali presentes, assistindo, ouvindo sua aula, compreendendo os temas, sem dúvidas. Essa realidade torna ainda mais difícil o processo ensino-aprendizagem, que não permite um acompanhamento da evolução do estudante, a realização de avaliações satisfatórias e o desenvolvimento de aulas com o mínimo necessário para a construção do conhecimento sobre os conteúdos.

A partir de tudo isso, da questão da participação observada, nos surgiu a preocupação sobre a participação dos alunos em nossa aula. Nosso projeto de atividade dependia inteiramente da participação dos alunos respondendo

nossas questões, pois nosso interesse era, em primeiro lugar, identificar o conhecimento prévio deles sobre as fake news, passar para eles as informações sobre as fake news, para que eles aprendessem a identifica-las e se prevenir contra elas, e depois realizar uma atividade prática, para avaliar se o conteúdo apresentado foi compreendido, através da identificação nas imagens do que seriam ou não fake news. Sendo assim, precisávamos da participação dos alunos em ao menos dois momentos da aula, consistindo como essenciais para a realização da atividade/aula. Dessa forma, tivemos que nos preparar e adaptar todo o processo da aula, para caso não conseguíssemos uma participação dos estudantes nos momentos primordiais.

Felizmente, conseguimos uma participação dos estudantes, dos três estudantes presentes na aula, dois responderam todas as nossas perguntas, ainda que de forma simples e sem uma grande elaboração. Por isso, conseguimos satisfazer os objetivos do encontro, permitindo que além de interagir com eles, conseguíssemos desenvolver o que programamos para o encontro.

A aula foi para nós muito produtiva, talvez até excedendo nossas expectativas, já que estávamos preparados para não ter participação e aconteceu exatamente o contrário, os alunos contribuíram muito e a aula pode fluir extremamente bem. Foi um grande aprendizado, ter a oportunidade de dar uma aula nesse novo ambiente virtual, e ainda com crianças, foi extremamente importante poder estar no lugar do professor da aula virtual, sentir as dificuldades e desafios, tentar desenvolver um trabalho que levasse as crianças a participar, e não só isso, mas principalmente deixá-las confor-

táveis conosco para que pudessem aproveitar o conhecimento que estávamos ali para compartilhar com eles. Trabalhar com crianças não é fácil, é preciso preparação e é imprescindível buscar metodologias que prendam sua atenção e seu interesse para que eles possam assim absorver o conhecimento passado. Fazer isso em um ambiente virtual é absolutamente mais difícil, e foi um desafio que acreditamos termos superado.

A aula que assistimos na semana anterior ao nosso encontro, foi imprescindível para compreender a dinâmica daquela turma, nos permitiu desenvolver uma atividade voltada ao interesse dos estudantes. Em todo o processo, o apoio do professor da turma foi de extrema importância para nós, sempre prestativo e disponível para ajudar, nos orientando de como seguir com a turma. Esse acompanhamento é fundamental no processo do ESO, ainda mais no período de pandemia, que não nos permitiu ter tempo hábil de conhecer a turma com tanta propriedade, pelo calendário apertado das aulas, tanto da nossa turma, como da escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS - As fake news sempre estiveram presentes na sociedade brasileira, e com o desenvolvimento da tecnologia e a velocidade da informação elas foram potencializadas, passando cada vez mais desinformação para a população criando um momento de insegurança e ignorância perante fatos. Essa situação não é nova, no período de guerra fria aconteceu algo de forma similar, ambos os lados constantemente se atacavam, provocando assim uma enorme desinformação na população que acabava comprando o discurso de seus

governos. No Brasil, o período da Ditadura Militar foi um grande exemplo de publicação de fake news, apesar de o termo não existir na época. Diante do contexto de Guerra Fria e de uma ameaça comunista eminente os militares assumiram o poder através de um golpe de estado, e desde a sua posse houve inúmeras perseguições a movimentos de esquerda no país, no pretexto de que eles estavam aliados com membros do Partido Comunista Russo. Um dos meios encontrados foi a propagação de inúmeras matérias de jornais e através de outros meios de comunicação, grande parte delas contendo inverdades para que a população contribuísse com os militares e legitimassem os inúmeros atos de tortura e perseguição que aconteceu naquele momento. Esse tema torna-se ainda mais relevante, visto que nos últimos anos a propagação de notícias falsas sobre o comunismo, bem como a tentativa de criar um sentimento de medo para com o comunismo, tornaram-se frequentes.

A aula ministrada aos estudantes da Escola Municipal Olindina Monteiro de Oliveira França trabalhou justamente essa temática da fake news, mostrando que ela não é algo novo e que apesar de se apresentar numa escala maior e mais rápida, utilizando principalmente o exemplo do período da Ditadura Militar. A aula ocorreu de forma tranquila e superou as expectativas do grupo, já que nas aulas anteriores houve pouquíssimos estudantes presentes e eles mesmo presentes pouco participavam da aula. Entretanto no dia da atividade a participação foi bem maior, o que fez com que a aula fluísse de forma mais leve e dinâmica. A introdução da aula fez com

da aula fez com que eles pudessem entender melhor o período histórico que tudo estava ocorrendo e o exercício final relacionou as fake News de 1964 com as vistas no século XXI, fazendo com que os estudantes entendessem e identificassem-nas com mais facilidade. Por fim a aula atingiu seu objetivo, os estudantes puderam compreender as fake news e ficarem mais familiarizados com elas. Isso é importante, pois faz com que eles diminuam os impactos que as mentiras podem causar na sociedade, já que muitos deles vão evitar propagar notícias sem uma pesquisa maior antes, evitando que as mentiras prosperem na sociedade.



REFERÊNCIAS

FRIAS FILHO, Otavio. O que é falso sobre fake news. **Revista USP**, [S. l.], n. 116, p. 39-44, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/146576>. Acesso em: 14 jan. 2021.

MENESES, Sônia. Bolsonarismo: um problema “de verdade” para a história. In: KLEN, Bruna S; PEREIRA, Mateus Henrique de Faria; ARAUJO, Valdei Lopes de (Org.). **Do fake ao fato: (des)atualizando Bolsonaro**. Vitória: Editora Milfontes, 2020, p. 43-55.

NASCIMENTO DA SILVA, I. Santana. Dia 13 de Maio: a maior fake news da nossa história. **Portal Geledés**, 2019. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/dia-13-de-maio-a-maior-fake-news-de-nossa-historia/>. Acesso em: 14 jan. 2021.

REIS, Daniel Aarão. **Ditadura militar, esquerdas e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

FAKE NEWS

Vale uma Conversa?

INTRODUÇÃO – Com a relevância que as redes sociais estão ganhando desde o início do século XXI, vieram também as diversas possibilidades de propagação e maneiras de interações na vida online, os indivíduos reelaboram frequentemente os modos de relacionamento com o espaço e o tempo, criando novas maneiras de socializar nas redes sociais. Dessa forma, é possível refletir acerca das dinâmicas sociais, dado o intenso contato que os dispositivos nos permitem, além da tecnologia de informação e comunicação, proporcionando, assim, “[...] pensar a tecnologia nesta era do pós-digital, significa implicá-la nas táticas e estratégias do poder” (SANTAELLA, 2006, p. 11).

Sendo assim, as redes sociais vão além de um ambiente de entretenimento, perpassa por um amplo campo de opiniões que são manifestadas pelos usuários rapidamente e de forma efetiva. Outrossim, é manipulada como um meio de disseminação de fake news ou notícias falsas, e como consequência, a propagação de ódio é também feita de forma rápida e efetiva, sendo procedente, na maioria das vezes, de pessoas anônimas.

Levando em consideração o contexto da pandemia do COVID-19 e o atual cenário que estamos enfrentando, com as aulas intercorrendo de forma remota, o distanciamento social e diversas outras situações atípicas, nesse artigo pretende-

mos apresentar as experiências vivenciadas na disciplina de Estágio Supervisionado Obrigatório III, oferecida pela Universidade Federal Rural de Pernambuco, sob supervisão da professora Dra. Juliana Alves de Andrade. O estágio foi realizado na Escola Municipal Octávio de Meira Lins, com a supervisão do professor Dr. Henrique Nelson da Silva, na turma do 6º ano do Ensino Fundamental, que contava com 10 discentes presentes no encontro síncrono na plataforma Google Meet.

As notícias falsas, denominadas fake news, vem há anos assumindo uma “aparência” ainda mais agressiva e provocando um desserviço social, gerando confusão e desinformação, além de instigar, na maioria das vezes, a deslegitimação das descobertas e avanços da ciência de forma geral. Sendo assim, diante do contexto atual que estamos enfrentando e da crescente exposição e propagação no tocante a informações de fontes duvidosas, bem como a utilização de meios que facilitam o acesso às fake news, faz-se necessário reforçar os mecanismos que podem e devem ser utilizados a fim de identificar e coibir a propagação dessas notícias falsas, sejam elas no âmbito da História ou de qualquer outra área do conhecimento. Dessa forma, as fake news e o negacionismo expõe os indivíduos, especialmente as crianças, a informações de cunho falso, que causam impactos a curto, médio e

**AUTORES: JEFFERSON JOSÉ BATISTA ANDRADE, KEROLAYNE GOMES DA FONSECA,
LUCAS GABRIEL GOMES DA SILVA E MARIA TEREZA DE MELO CAVALCANTI.**

longo prazo. Além disso, é válido ressaltarmos que é importante nos atentarmos aos impasses que encontramos no fazer historiográfico na atualidade, marcada por inúmeras divergências políticas e “pela politização da memória e da história” (MOTTA, 2020, p. 29). Dessa forma, o intento deste trabalho é compreender o que as crianças entendem por notícias falsas e detectar através de quais meios/dispositivos as crianças experenciam o contato com esse tipo de informação; e ao recebê-las, qual o direcionamento/tratamento dado a essas notícias.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA – Para Allcott e Gentzkow, as fakes news podem ser definidas como “artigos noticiosos que são intencionalmente falsos e aptos a serem verificados como tal, e que podem enganar os leitores” (2017, p. 4). Por um outro lado, pode-se referir a essas notícias falsas como “um novo tipo de desinformação política”, sendo apontada por uma “dubiedade factual com finalidade lucrativa” (GUESS; NIHAN; REIFLES, 2018, p. 2). Independente de qual finalidade tenha a notícia, esse tipo de conteúdo falso encontrou nas redes sociais, no ambiente online, um espaço de reprodução rápido e eficaz.

As ditas fake news não são novidades do século XXI, segundo Robert Darnton (2017), desde o século XVI, por meio do surgimento dos pasquins, já havia a disseminação de notícias desagradáveis, geralmente falsas, que eram escritas sobre personagens públicos na Itália.

McGuillen (2017) também nos traz as notícias que eram arquitetadas por estrangeiros na Alemanha durante o século XIX. Nesse sentido, no Brasil não poderia ser diferente, visto que, em 500

anos de história, podemos observar que as fake news já se fazia presente desde o seu início, dada a implementação do sistema escravocrata.

Durante os séculos XVI e XIX, cerca de 5 milhões de negros da população africana foram sequestrados com consentimento da Igreja Católica. Até bem pouco tempo, as narrativas que eram divulgadas nas escolas discorriam que a população escravizada era submissa e subserviente, nesse ponto, é possível identificarmos como essa discussão está envolta de notícias falsas dado a revisão historiográfica, a compreensão e os estudos atuais que temos disponível acerca dessa temática. Nessa perspectiva, é possível percebermos que as fake news dos séculos passados se diferem das do século XXI pelo contexto e potencial de propagação no ambiente online, visto que as redes sociais são parte do problema,

as notícias falsas podem ser consideradas não apenas em termos da forma ou conteúdo da mensagem, mas também em termos de infraestruturas mediadoras, plataformas e culturas participativas que facilitam a sua circulação. Nesse sentido, o significado das notícias falsas não pode ser totalmente compreendido fora da sua circulação online. (BOUNEGRU, GRAY; VENTURINI; MAURI, 2017, p. 18).

Assim, podemos observar que as notícias falsas e a desinformação conjunta são danosas dado o alcance que elas ganham na circulação. Em vista disso, é importante levarmos em consideração que todos os indivíduos podem estar sujeitos às fake news. Dessa forma, é necessário que haja uma preparação para ensinar a identificar/filtrar o que pode ou não ser uma informação verdadeira, principalmente quando nos referimos às crianças e ado-

lescentes, que são mais suscetíveis a consumir conteúdos falsos, visto a vulnerabilidade que apresentam no que diz respeito a sugestionabilidade das informações. Esse tipo de orientação compreende principalmente o estímulo à leitura e o acompanhamento do que as crianças assistem e leem. Desse modo, é essencial que, no tocante às crianças e aos jovens, a Escola e a família estejam presentes e assumam papéis de destaque na conscientização e construção de indivíduos mais críticos e conscientes perante as desinformações.

Voltada para um público do Ensino Fundamental, o estudo se baseia, também, na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), uma vez que as ditas fake news aparecem nas diretrizes curriculares (2018, p. 68-70). Os estudos das notícias falsas aparecem na BNCC no componente curricular de Língua Portuguesa, onde os estudantes são considerados protagonistas de nossa cultura digital, sendo vistos por todo o Ensino Fundamental (anos finais - do 6º ao 9º ano).

A BNCC é um documento normativo de referência que regulamenta e revisa as grades curriculares, tanto das escolas públicas quanto das privadas, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, portanto, a mesma ressalta a importância de desenvolver e discutir acerca da criticidade que deve existir tanto no meio digital quanto em discursos, dado a quantidade de informações verdadeiras ou falsas e/ou manipuladas que podemos nos deparar. Logo,

a viralização de conteúdos/publicações fomenta fenômenos como o da pós-verdade, em que as opiniões importam mais do que os fatos em si. Nesse contexto torna-se me-

nos importante chegar/verificar se algo aconteceu do que simplesmente acreditar que aconteceu (já que isso vai ao encontro da própria opinião ou perspectiva). [...] Eis, então, a demanda que se coloca para a escola: contemplar de forma crítica essas novas práticas de linguagem e produções, não só na perspectiva de atender às muitas demandas sociais que convergem para um uso qualificado e ético das [...] Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação [...], necessário para o mundo do trabalho, para estudar, para a vida cotidiana etc., mas de também fomentar o debate e outras demandas sociais que cercam essas práticas e usos. É preciso saber reconhecer os discursos de ódio, refletir sobre os limites entre liberdade de expressão e ataque a direitos, aprender a debater ideias, considerando posições e argumentos contrários. (BRASIL, 2018, p. 68-69).

Sendo assim, é essencial que seja trabalhado o tema fake news no ensino básico e que o mesmo seja contextualizado através do cotidiano dos estudantes, enfatizando que esse tipo de conteúdo pode estar presente em discussões que são pertinentes ao currículo escolar de todas as disciplinas, com destaque para a História, e que os danos no processo de ensino-aprendizagem são inumeráveis.

RESULTADOS E DISCUSSÃO – Como dito anteriormente, o Estágio Supervisionado Obrigatório III foi vivenciado na Escola Municipal Octávio de Meira Lins, localizada no bairro do Vasco da Gama na cidade do Recife, onde fomos supervisionados, como supracitado, pelo professor Dr. Henrique Nelson da Silva. Levando isso em consideração, trabalhamos com a turma do 6º ano do Ensino Fundamental no período de 1 semana, com 1 aula de 60 minutos de du-

ração. Dado o pouco tempo que tivemos na intervenção, elaboramos previamente um roteiro com o que seria relevante trabalhar em sala de aula. O referido projeto foi revisado e autorizado pelo professor supervisor antes de ser aplicado.

O encontro síncrono foi realizado no dia 20/01/2020, no horário das 08:00h às 09:00h, via plataforma Google Meet. Esse primeiro momento foi utilizado para que pudéssemos questionar e perceber o que as crianças entendiam por notícias falsas e se possuíam experiências de acesso às fake news. Indagamos também a respeito da forma pela qual esse tipo de informação chegava até elas, e os destinos dados a esse tipo de “conteúdo”. O projeto foi desenvolvido para uma aula síncrona, na qual, nesse primeiro momento, fizemos a apresentação dos estagiários e realizamos uma breve introdução ao assunto. Realizamos as indagações como supracitadas, “O que vocês compreendem por fake news/notícias falsas?”. Observando e analisando as respostas que eles nos deram, outro questionamento foi levantado: “Vocês conhecem algum exemplo de informação falsa?”.

As respostas foram surpreendentes, pudemos constatar a multiplicidade de formas pelas quais essas notícias se espalham, algumas até mesmo desconhecidas por nós. Um dos estudantes compartilhou que ao acessar

o Facebook se deparou com uma notícia que o ex-presidente do Estados Unidos da América, Donald Trump, incitava a população a utilizar um tratamento com desinfetante contra o coronavírus, o mesmo nos relatou que não precisou checar fontes para saber que tal manchete era uma fake news dado a gravidade que seria ao ingerir um material de limpeza, porque a mãe já havia falado em outras situações e ele sabia que aquilo não faria bem à saúde. Outro aluno chegou a mencionar que por diversas vezes deparou-se com propagandas anti-vacinas veiculadas tanto no Facebook quanto no WhatsApp. Foram elencadas como fonte de acesso e distribuição desse tipo de material as redes sociais: WhatsApp¹, Facebook, Instagram e Twitter, a plataforma de compartilhamento de vídeos YouTube, e para nossa maior surpresa, o Discord² que é um software de transmissão de áudio e vídeo, com chat disponível, sendo destinado para comunidade de jogos. Inclusive um dos discentes presente no encontro síncrono nos relatou que durante uma partida através de uma interação pelo chat percebeu que havia vários links de notícias falsas sendo divulgadas de forma indiscriminada, mas ele não clicou para ter acesso pois sabia dos perigos - invasão de programas maliciosos para furtar dados e até mesmo a ação de pedófilos - ao qual estaria se expondo. Sendo assim, é importante sali-

1 Uma pesquisa realizada pela Universidade de São Paulo aponta que a maior fonte de propagação de fake news são os grupos de famílias do WhatsApp. Ver: Gragnani, Juliana. Pesquisa inédita identifica grupos de família como principal vetor de notícias falsas no WhatsApp. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43797257>. Acesso em: 10 de fev. de 2021.

2 A guisa de conhecimento ver: COSTA, Caio Túlio Olimpio Pereira da. A plataforma gamer Discord e a educação tecnológica em tempos de pandemia. ANO XVI. n.11. nov. de 2020. NAMID/UFPB. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/index>. Acesso em: 9 de fev. de 2021.

entar que os mesmos já possuíam um conhecimento consolidado a respeito das fake news, mas, ainda assim, reforçamos quão danosas são e os meios/formas utilizadas para combatê-las. Após os alunos assistirem um vídeo que disponibilizamos, retomamos as perguntas para os estudantes, questionando-os mais uma vez acerca do assunto e se algo do entendimento deles havia mudado. Os alunos, que interagiram de forma constante, nos disseram outros exemplos de fake news e de como elas podem ser prejudiciais para todos os envolvidos.

Em um segundo momento, fizemos algumas perguntas para os estudantes e retomamos para outras já realizadas, como por exemplo: “Como as fake news chegam até vocês?”, “Quais são as notícias falsas que vocês mais conhecem?” E “Qual o tratamento e o destino que vocês dão a esse tipo de informação?”. Além disso, questionamos o motivo dessas notícias se espalharem de forma tão rápida e o que podemos fazer para diminuir a propagação das mesmas. As respostas foram diversas. Os que participaram disseram que boa parte das notícias falsas que chegavam até eles se referiam ao novo coronavírus, e vinham através de múltiplos meios de comunicação, como citado anteriormente. A maioria respondeu que não repassavam as fake news muitas vezes por desinteresse e por serem conhecedores de que aquela notícia não merecia/não tinha crédito.

Posterior às indagações levantadas no momento online pelo Google Meet, pudemos apresentar um vídeo disponível na plataforma do Youtube que mostrava como a propagação das fake news contribui para diminuir a confiança das pessoas nos ambientes de informação,

além de serem danosas às próprias pessoas que espalham esse tipo de conteúdo, já que criar e divulgar notícias falsas é considerado crime. Como só podemos dispor de 1 (um) encontro, produzimos um vídeo de aproximadamente 4 minutos e disponibilizamos para que o professor supervisor pudesse fazer a distribuição na turma. Nesse vídeo, apontamos e exemplificamos como as notícias falsas também se instalam e se apropriam de assuntos do currículo escolar, sendo grande fonte de desinformação, principalmente nas áreas das Ciências Humanas.

Como supracitado, fomos surpreendidos de forma positiva e a “base” que os alunos possuíam certamente nos foi/é muito útil para conseguirmos expor que as notícias falsas/negacionistas/sensacionalistas existem a muito tempo e estão presentes na História e em todas as áreas do conhecimento e influenciam diretamente na possibilidade de construção da aprendizagem e nos nossos pensamentos e atitudes. Nossa expectativa era de encontrar uma turma que tivesse acesso facilitado aos meios de comunicação e às informações que são constantemente divulgadas através deles, mas não esperávamos que, apesar da pouca idade, eles fossem tão bem instruídos a respeito dos perigos a que podem ser expostos quando consomem e transmitem uma informação falsa ou de cunho duvidoso. Pelo curto tempo de interação com a turma ficamos numa situação delicada no que tange a tecer comentários mais consistentes sobre a teoria versus experiência. Valendo apenas salientar que nesse momento pandêmico que estamos vivenciando o assunto fake news é tratado de forma recorrente, mas sempre

direcionado as informações relacionadas a COVID-19. É preciso que seja discutido na escola como essas notícias falsas também permeiam o universo educacional e comprometem a veiculação de informações, conceitos, teorias e relatos que são “postos em xeque” por negacionismos científicos, através de notícias fabricadas que tem por objetivo desinformar a sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS – Dessa forma, podemos perceber que os hábitos de consumo mudaram e o acesso às informações nos últimos anos foi facilitado, conseqüentemente fazendo com que a propagação também se dê em velocidade elevada, provocando uma exposição ainda maior. O universo educacional não escapa desse panorama, e também é permeado por relatos/descrições/narrativas que precisam de verificação. A investigação das fontes de qualquer “notícia” que recebemos/transmitimos é importante, visto que a mesma nos dará a garantia de que a informação é verdadeira e que pode ser compartilhada com segurança. Notícias falsas são uma afronta ao direito que todo cidadão possui, o de ter acesso a informação de qualidade. O investimento em uma educação midiática é fundamental para que consigamos mitigar os estragos que esse tipo de (des)informação provoca. A educação será a ferramenta responsável por proporcionar a mudança desse panorama, que por sua vez será a consequência da mudança de um esforço coletivo e da postura de toda sociedade. A alfabetização digital ocupará papel de destaque e o combate à desinformação precisa ser pauta coletiva de todos os países, pois vivemos num mundo globali-

zado, que nos impõe uma nova forma de viver e de se relacionar com as pessoas e com as notícias.

Como afirma o filósofo Pierre Lévy em uma conferência no Fronteiras do Pensamento, em Salvador, no dia 10 de setembro de 2019:

Eu já venho dizendo há muito tempo que não podemos dominar o software, a maneira como os dados são tratados, se não dominamos a leitura e a escrita. Não é possível ser um cidadão consciente com o pensamento crítico capaz de discernir coisas razoáveis das coisas que não são, se não sabemos ler e escrever. Se você ler em uma tela ou em um papel, isso é secundário. A importância está no texto.

Ter a experiência de estabelecer contato com crianças do ensino fundamental em seu “ambiente escolar” durante um momento extremamente atípico e perceber que as perspectivas de aprendizagem escolar se sobrepõem de certa forma a curiosidade e a necessidade de propagação de informações/notícias que não apresentam caráter verdadeiro foi ter no mínimo uma resposta encorajadora e positiva para os nossos questionamentos.



REFERÊNCIAS

ALLCOTT, H. GENTZKOW, M. Social media and fake news in the 2016 election. **National Bureau of Economic Research**, 2017. Disponível em: <https://www.nber.org/papers/w23089>.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>.

Bounegru, L., Gray, J., Venturini, T. & Mauri, M. **A Field Guide to Fake news and other information disorders**. 2017. Disponível em: <https://fakenews.publicdatalab.org/>. Acesso em: 10 fev. 2021.

DARNTON, R. A verdadeira história das notícias falsas. **El País**, 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/28/cultura/1493389536_863123.html. Acesso em: 09 fev. 2021.

GUESS, Andrew; NYHAN, Brendan; REIFLER, Jason. Selective exposure to misinformation: Evidence from the consumption of fake news during the 2016 US presidential campaign. **European Research Council**, v. 9, n. 3, p. 4, 2018. Disponível em: <https://advances.sciencemag.org/content/5/1/eaau4586>.

KLEN, Bruna S. PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. ARAUJO, Valdei Lopes de. (organizadores). **Do fake ao fato: (des)atualizando Bolsonaro**. Vitória: Editora Milfontes, 2020.

Pierre Lévy responde: o que a internet está fazendo conosco?. **Conselho Regional de Biblioteconomia 8ª Região**, 2019. Disponível em: <https://www.crb8.org.br/pierre-levy-responde-o-que-a-internet-esta-fazendo-conosco/>. Acesso em: 10 de fev. de 2021.

McGUILLE, P. How the techniques of 19th-century fake news tell us why we fall for it today. **Nieman Lab**, 2017. Disponível em: <https://www.niemanlab.org/reading/zach-seward-is-the-new-ceo-of-quartz/>. Acesso em: 9 de fev. de 2021.

SANTAELLA, Lucia. **Temas e dilemas do pós-digital: a voz da política**. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2016. v. 1.

